

Contribuições para o Estudo dos Compostos Nominais do Português

Maria Célia Silva Vilela

Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem

Maria Célia Silva Vilela
Contribuições para o Estudo dos
Compostos Nominais do Português
2016

Junho, 2016

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Ciências da Linguagem, realizada sob a orientação científica
da Professora Doutora Maria do Céu Caetano

Agradecimentos

Agradeço reconhecidamente à Professora Doutora Maria do Céu Caetano, minha orientadora, pela disponibilidade, ensinamentos, incentivos, ajuda e dedicação incondicional. Pela partilha do saber e valioso contributo na elaboração desta dissertação.

A minha profunda gratidão à amiga Guida Vieira pelo companheirismo, palavras de encorajamento, e por todas as vezes que me ouviu, no decorrer deste trabalho.

À amiga Marta Silva, manifesto meu agradecimento pelo apoio e incentivo que sempre me dispensou.

Agradeço também à professora Ana Dias pelas preciosas dicas que me deu.

Faço um agradecimento especial à minha sobrinha querida Erika Vilela pelas sempre carinhosas palavras de incentivo e à minha irmã Márcia Vilela, por todo o carinho e apoio.

Ao Pedro Costa Jr., meus agradecimentos por todas as vezes que me ajudou com a parte técnica deste trabalho.

A Mariana Xavier, que sempre me apoiou, muito obrigada.

Aos meus pais, um agradecimento especial, por serem meus modelos de coragem, pelo apoio incondicional, incentivo e amor infinito. Por tudo o que sempre me ensinaram, o que aprendi de mais valioso, um obrigada será sempre pouco.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao Bruno, meu tesouro mais precioso, pelo apoio, incentivo e compreensão. E ao meu marido Pedro, pelo constante encorajamento, pela forma com que geriu este período de ‘total ansiedade’, por me fazer rir e rir comigo, ao fim destes anos todos e por ter sempre propiciado um bom ambiente para que pudesse realizar esta tarefa. A eles, dedico este trabalho.

Contribuições para o Estudo dos Compostos Nominais do Português

Maria Célia Silva Vilela

Resumo

Neste trabalho estuda-se o conceito do composto nominal e, conseqüentemente, do processo de composição que o origina. São observadas 471 ocorrências, com o objetivo de contribuir para uma melhor descrição e caracterização dos compostos nominais do português, procurando enquadrá-los na formação de palavras, em geral. Essas ocorrências, que formam o *corpus* deste trabalho, foram recolhidas a partir do *Dicionário Houaiss 2007* e separadas em quatro grupos, os compostos endocêntricos, os compostos exocêntricos, os compostos e as expressões lexicalizadas.

Basicamente, o trabalho é composto por três capítulos, da maneira como se segue. No primeiro capítulo apresentamos uma revisão das perspectivas teóricas adotadas para esse estudo, pautadas tanto em trabalhos mais antigos como em trabalhos mais recentes. No segundo capítulo são apresentadas as ocorrências que compõem o *corpus* e por fim, no terceiro capítulo, procede-se à análise morfológica, sintática e semântica dos itens seleccionados.

Palavras-chave: composição; composto nominal; composto endocêntrico;
composto exocêntrico

Abstract

This paper is a study of the nominal compounds as well as the nominal process which generates them. 471 word sequences are observed, aiming at contributing to a better description and characterization of the Portuguese nominal compounds, trying to include them at the overall word-formation. Such word sequences which constitute the *corpus* of this paper, were selected from the Houaiss Dictionary 2007 and separated in four major groups, the endocentric group, the exocentric group and the lexicalized expressions and compounds.

Basically, the text consists in three parts. In the introduction (1) it is presented a revision of the theoretical perspectives adopted in this study, guided by former as well as more recent investigations, followed by (2) the word sequences list selected to form the *corpus*. Next (3), the semantic, syntactic and morphological analysis of the *corpus* is presented.

Key words: compounding; nominal compound; endocentric compound; exocentric compound.

Índice

Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Índice.....	vii
Lista de Siglas e Abreviaturas.....	xi
Introdução.....	1
Capítulo 1: Sobre o conceito de composição.....	3
Capítulo 2: Metodologia e Constituição do <i>corpus</i>	24
2.1: Metodologia.....	24
2.2: Constituição do <i>corpus</i>	25
2.2.1: Compostos endocêntricos.....	25
2.2.1.1: N + N.....	25
2.2.1.2: N + Adj.....	26
2.2.1.3: N + Prep + N.....	28
2.2.1.4: N + Prep + NP.....	29
2.2.1.5: N + Prep + N _{pl}	29
2.2.1.6: N + Prep/Det _{pl} + N.....	30
2.2.1.7: N _{pl} + N.....	30
2.2.1.8: N _{pl} + Adj _{pl}	30
2.2.1.9: N + Prep + VInf.....	30
2.2.1.10: N + VPart.....	31
2.2.1.11: N + Prep + Adv.....	31
2.2.1.12: Composto Nominal (de N + N) + Adj.....	31
2.2.1.13: Num + N.....	31
2.2.1.14: Adj + N.....	31

2.2.2: Compostos exocêntricos.....	31
2.2.2.1: N + Adj.....	31
2.2.2.2: N + N.....	32
2.2.2.3: N + Prep + N.....	32
2.2.2.4: N + Prep _{pl} + N _{pl}	32
2.2.2.5: N + Prep + Num.....	33
2.2.2.6: N _{pl} + Adj _{pl}	33
2.2.2.7: Composto Nominal (de N + Adj) + Adj.....	33
2.2.3: Compostos lexicalizados.....	33
2.2.3.1: N + N.....	33
2.2.3.2: N + Adj.....	33
2.2.3.3: N + Prep + N.....	34
2.2.3.4: N _{pl} + Prep + N.....	35
2.2.3.5: n + Prep + NP.....	35
2.2.3.6: N + Prep _{pl} + NP _{pl}	35
2.2.3.7: N _{pl} + Adj _{pl}	35
2.2.3.8: N + Conj + N.....	35
2.2.3.9: N + VFut.....	35
2.2.3.10: Adj + N.....	35
2.2.3.11: Composto Nominal (de N + NP).....	35
2.2.4: Expressões Lexicalizadas.....	36
2.2.4.1: N + Prep + N.....	36
2.2.4.2: VInf + N.....	36
2.2.4.3: VInf + Det + N.....	36
2.2.4.4: VInf + Det _{pl} + N _{pl}	37
2.2.4.5: VInf + Prep + N.....	37
2.2.4.6: VInf + N + Prep.....	37

2.2.4.7: VInf + Prep + N _{pl}	38
2.2.4.8: VInf + N + Adj.....	38
2.2.4.9: VPart + Prep + N.....	38
2.2.4.10: Prep + N.....	38
2.2.4.11: Prep + N + Adj.....	38
2.2.4.12: Prep + N _{pl} + Adj _{pl}	39
2.2.4.13: Prep + N + Prep.....	39
2.2.4.14: Prep + Num + N.....	39
2.2.4.15: Prep + Num + N _{pl}	39
2.2.4.16: Prep + Prep + N.....	39
2.2.4.17: Prep + N _{pl} + PronIndef.....	39
2.2.4.18: Prep + N _{pl} + VGer.....	40
2.2.4.19: Prep + Adj _{pl} + N _{pl}	40
2.2.4.20: Prep + N + N.....	40
2.2.4.21: Det + Num + N _{pl}	40
2.2.4.22: Det + N + Adj.....	40
2.2.4.23: N + Prep + N.....	40
2.2.4.24: Adj + Conj + N.....	40
2.2.4.25: Adv + Prep + N.....	40
Capítulo 3: Análise e Discussão dos dados.....	41
Considerações Finais.....	51
Referências Bibliográficas.....	53

Lista de Siglas e Abreviaturas

Adj	_____	adjetivo
Adj _{pl}	_____	adjetivo no plural
Adv	_____	advérbio
Conj	_____	conjunção
Det	_____	determinante
Det _{pl}	_____	determinante no plural
m.q.	_____	mesmo que
N	_____	nome
NGPC	_____	Nova Gramática do Português Contemporâneo
NP	_____	nome próprio
N _{pl}	_____	nome no plural
Num	_____	numeral
Prep	_____	preposição
Prep _{pl}	_____	preposição no plural
PronIndef	_____	pronome Indefinido
V	_____	verbo
VGer	_____	verbo no gerúndio
VInf	_____	verbo no infinitivo
VPart	_____	verbo no particípio

“A mente que se abre a uma nova ideia,
jamais volta ao seu tamanho inicial”

ALBERT EINSTEIN

Introdução

É possível identificar palavras compostas na maior parte das línguas naturais, sobretudo se levarmos em consideração a diversidade de combinatórias que esse processo abarca. As descrições já realizadas sobre esse mecanismo de formação de palavras apontam as dificuldades em definir precisamente o que é ou não um composto¹.

Entende-se geralmente a composição como um processo que combina palavras ou radicais para formar um item morfologicamente complexo. Bauer (2003:40) a define como um processo de “formação de um novo lexema através da adjunção de dois ou mais lexemas”. Para Caetano (2011:12) o composto “designa uma noção estável e específica”, podendo ter “um significado composicional ou não composicional” e afirma-se ainda que os elementos de um composto “têm uma ordem fixa, não admitindo comutação (nenhum dos elementos pode ser substituído por um sinónimo), nem inserção de elementos estranhos”.

O interesse em encontrar justificativas empíricas para a motivação do fenómeno compositivo em exame impulsionou-me para os domínios teóricos da Morfologia e, embora os trabalhos e pesquisas acerca dos nomes compostos, desde os gramáticos históricos (Said Ali:1921, Nunes:1989) até os autores mais atuais (Villalva 1994, Lieber 2005, entre outros) apresentem seu valor na compreensão do tema, tais estudos não retratam com suficiente uniformidade e clareza tal fenómeno, justificando-se, assim, esta investigação.

Dado que o propósito central deste estudo é contribuir para uma melhor descrição e caracterização dos compostos nominais em português, centrar-me-ei nos compostos endocêntricos e exocêntricos, procurando enquadrá-los na formação de palavras. Por uma questão de delimitação da análise, os compostos lexicalizados bem como as expressões lexicalizadas não serão alvo de uma exploração profunda.

Este trabalho se estrutura em três capítulos. No primeiro capítulo, apresento os pressupostos teóricos e discuto o conceito de composto, evidenciando a trajetória que se empreendeu na delimitação da noção de composição à luz dos estudos realizados por

¹ Bauer (1988), por exemplo, considera que não há critérios, nem individualmente, nem coletivamente, que permitam inequivocamente distinguir os compostos de frases.

Said Ali (2001⁸), Mattoso Câmara Jr. (1979³), Celso Cunha e Lindley Cintra (1984), Evanildo Bechara (2009³⁷), Alina Villalva (2000) e Luiz Carlos Rocha (2003²).

O segundo capítulo é constituído de duas seções e dedica-se à descrição da constituição do *corpus* e à metodologia de recolha dos exemplos.

No terceiro capítulo, procedo à análise e discussão dos dados que envolvem a caracterização dos compostos, analisando-os do ponto de vista morfológico, sintático e semântico.

Finalmente, à luz dos dados analisados, concluo esta dissertação procurando mostrar a validade das propostas avançadas e realçando possíveis contribuições para trabalhos futuros sobre a composição nominal em português.

Capítulo 1: Sobre o conceito de composição

Neste capítulo, serão apresentadas as abordagens a respeito dos nomes compostos em português adotadas por Said Ali (2001⁸), Mattoso Câmara Jr. (1979³), Celso Cunha e Lindley Cintra (1984), Evanildo Bechara (2009³⁷), Alina Villalva (2000) e Luiz Carlos Rocha (2003²), que serviram de base para a discussão empreendida neste capítulo.

Segundo Said Ali (2001⁸:191), “chama-se palavra composta a toda combinação de vocábulos que serve de nome especial para certo gênero de seres, ou com que se exprime algum conceito novo, diferenciado do sentido primitivo dos elementos componentes”.

Para o autor, a palavra composta é resultado da fusão semântica de seus elementos componentes. Entretanto, antes dessa fusão acontecer, muitos dos atuais compostos não se distinguem de outros grupos sintáticos por um longo período, diferentemente de outros casos de palavras compostas, em que, de acordo com Ali (2001⁸:191) “o processo da composição efetua-se desde logo ou em tempo muito breve”.

Fica claro, acima, que, para Ali (2001⁸:191), o caráter gradual do processo de formação diz respeito a alguns compostos que se constituem por justaposição. Antes de se confirmar de fato como um composto, amplamente reconhecido e utilizado pelos falantes, determinada combinação de palavras experimenta uma fase de transição, podendo ou não vir a se tornar uma palavra composta². Esse caráter gradual observado nos compostos dificulta sobremaneira a análise, gerando desacordo entre linguistas sobre quais devem ser classificadas como verdadeiras palavras compostas e quais devem ser consideradas como simples grupos sintáticos.

O composto representa, de acordo com Ali (2001⁸:192), “uma ideia simples, porém caracterizada geralmente pela alteração ou especialização do sentido primitivo”. E apresenta os exemplos: “o francês *beau-père* significa *sogro* e nada mais tem que ver com as noções *belo* e *pai*. *Guarda-roupa* não é qualquer objeto onde a roupa se guarda, e sim certo móvel construído para tal”.

² Parece presente em Said Ali (2001:191) a ideia apresentada por Darmesteter (1846 – 1298:1298,1325), segundo a qual justaposição é uma soldadura mais ou menos íntima de elementos reunidos sem elipse, esta entendida tanto como ausência de palavra ou frase que em certos casos liga o sentido dos termos componentes (exemplo: *timbre-poste*), como também o desaparecimento da terminação do primeiro componente (exemplo: *liquefazer*).

Além disso, Said Ali (2001⁸:192), assim como Cunha e Cintra (1984:107), observa que a ortografia das palavras compostas não é homogênea; umas são escritas tendo o hífen como elo de ligação (exemplo: *peixe-espada*), outras reúnem os termos em um só vocábulo (exemplo: *trigêmeo*), ou ainda, aqueles compostos que são escritos separadamente, como se não houvesse qualquer composição (exemplo: *Nossa Senhora*).

Ali (2001⁸:192) assume que, de início, é difícil conceber como palavras compostas as combinações de vocábulos gerados por nossa “fantasia”³ para nomear plantas, animais e certos objetos, como em *cravo-de-defunto*, *amor-perfeito*, etc. Mas, mesmo assim, tais formações não foram excluídas da categoria das palavras compostas pelo autor, uma vez que (...)“preenchem a condição necessária, pois denotam uma ideia simples e se usam com acepção especial” (2001⁸:192).

Nesse aspecto, Fabb (1998:66) está em sintonia com Ali (2001⁸:192), pois Fabb defende que a composição ocorre por processos de caráter semântico, incluindo a metonímia, como em *redhead*, que significa uma pessoa que tem cabelo vermelho, ruivo. Ainda segundo este autor, há muitas possibilidades de relações semânticas que se estabelecem entre as partes de um composto, assim como há entre as partes de uma sentença, mas, diferentemente de uma sentença, em um composto as relações de caso, preposições e posições estruturais nem sempre são suficientes para esclarecer completamente a relação semântica.

Ali (2001⁸ :193) aponta que, ao estudar a composição dentro do domínio de certo idioma, não devem ser considerados compostos aqueles formados a partir de vocábulos que não pertencem ao dito idioma ou importados de outra língua. O autor (2001⁸) argumenta ao indicar como exemplo o vocábulo *vinagre*, que, por não ter origem na língua portuguesa, e sim no francês (*vinaigre*,) ou no italiano (*vinagro*), não pode ser considerado um vocábulo novo. E conclui que, uma vez que nunca existiu em português um adjetivo com a forma **agre*, o resultado da composição seria, na melhor hipótese, **vinhagre*.

Defendendo o ponto de vista acima apresentado, Ali (2001⁸) vai além de gramáticos mais recentes, como Cunha e Cintra (1985:106), que reconhecem composição em, por exemplo, *embora*, formada a partir da preposição *em* (lat. in), do feminino do adjetivo *bom* (lat. bonus, a) e do substantivo *hora* (gr. hōra, as). Dessa forma, por não ter sido

³ Para o autor, são os compostos que têm função de nomeação metafórica (compostos de sentido metafórico).

formada em português, a palavra *embora* não deve ser considerada um composto, de acordo com Said Ali (2001⁸:193).

O autor apresenta oito combinações de compostos (Ali 2001⁸:194):

a) substantivo + substantivo: não há produtividade, segundo Ali (2001⁸), na criação portuguesa de nomes compostos com esta estrutura, a não ser as denominações de animais e plantas. Desse modo, muitos dos considerados compostos são traduções ou aportuguesamentos de expressões formadas fora, noutros sistemas. Entre os formados em português o autor cita: *arco-íris*, *parede-mestra*, *chave-mestra*, *mestre-sala*, além das denominações de animais e objetos⁴: *peixe-espada*, *peixe-boi*, *tamanduá-bandeira*, *manga-espada* etc.

b) substantivo + preposição + substantivo: *homem-de-estado*, *pai de família*, *menina dos olhos*, *orelha-de-pau*, *pé-de-galinha*, *pé-de-cabra*, *unha-de-boi*, *beijo-de-frade* etc.

c) substantivo + adjetivo: o adjetivo pode vir antes ou depois do substantivo: *amor-próprio*, *arma branca*, *mão-morta*, *sangue-frio*, *obra-prima*, *mão-cheia* (ou *mancheia*). *criado-mudo*, *mãos-rotas*, *mão-pendente* etc. Os dois vocábulos podem vir unidos (no caso da aglutinação), sendo que o primeiro sofre alteração e o segundo perda fonética. Por exemplo: *boquiaberto*, *manirroto*, *cabisbaixo*, *aguardente* etc.

d) adjetivo + adjetivo: *surdo-mudo*, *luso-brasileiro*, *anglo-saxônico*, *tragi-cômico*, *verde-escuro* etc.

e) pronome + substantivo: *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, *Vossa Alteza* etc.

f) numeral + substantivo: *bisavô*, *bisneto*, *trigêmeo*, *três-folhas*, *mil-homens* etc.

g) combinações com os advérbios *mal* e *bem*: *bendizer*, *maldição*, *bem-criado*, *malcriado*, *mal-intencionado*, *bem-intencionado*, etc.

h) verbo + substantivo: a forma verbal empregada é a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Exemplos: *saca-rolhas*, *beija-flor*, *quebra-nozes*, *tira-teimas*, *guarda-louça*, *pica-pau*, etc.

Após a análise da *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Said Ali (2001⁸), passarei à caracterização e discussão da composição empreendida na *História e*

⁴ Said Ali (2001⁸:192) não menciona qualquer exemplo de designação de objeto formado por substantivo + substantivo.

Estrutura da Língua Portuguesa, de Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1979³), onde também se privilegia a abordagem diacrónica.

Câmara Jr. (1979³:211) define a composição como sendo “uma associação significativa e formal entre duas palavras”, e daí resulta “uma palavra nova, em que se combinam as significações das que a constituem”.

Para o autor, o processo de composição do ponto de vista fonológico ocorre de duas formas diferenciadas, que são a justaposição e a aglutinação⁵. A composição por justaposição acontece pela união de dois vocábulos fonológicos, cada um com seu acento e “um vocalismo específico na parte final respectiva”. Por outro lado, na composição por aglutinação, ocorre apenas um único elemento fonológico (Câmara Jr. 1979³:211).

O autor indica três estruturas composicionais por justaposição (Câmara J. 1979³:212;213).

A primeira estrutura composicional apresentada por Câmara Jr. (1979³:212) acontece quando o segundo elemento é um adjetivo ou substantivo que concorda em gênero e número com o substantivo, que é o primeiro constituinte. São exemplos mencionados pelo autor: *obra-prima* e *parede-mestra*. Nesse grupo, o autor inclui os nomes compostos que designam os dias da semana, como *segunda-feira*, e os adjetivos que sofreram perda da sílaba final, como por exemplo, *recente* e *grande* em *recém-formado*, *grã-duquesa* e *grão-duque* (cf. pág. 212).

A segunda estrutura, segundo Câmara Jr. (1979³:213), diz respeito aos compostos cuja estrutura é a “associação em justaposição, de um substantivo com outro”. Por exemplo: *mestre-escola*, *couve-flor* e *manga-espada*. O segundo constituinte caracteriza o primeiro sem que lhe seja subordinado por meio da preposição *de*. Para o autor, esse padrão de nome composto é uma variação do anterior (primeira estrutura). Insere ainda os compostos *estrada de ferro*, *mestre de cerimônia* e *oficial de justiça* como pertencentes a esse grupo.

A terceira estrutura de nomes compostos, de acordo com o autor, é constituída de um

⁵ Câmara Jr. (1979³:214) assume que “o genuíno mecanismo da composição em português, entretanto, abrangendo a criação de nomes e de verbos é o da prefixação, que o latim desenvolveu amplamente com o ponto de partida nos preverbos”. Esta inclusão da prefixação na área da composição era assaz comum na época, embora, como vimos anteriormente, não tivesse sido esse o posicionamento de Ali (2001⁸).

verbo, o primeiro elemento, seguido de um nome como complemento, o objecto direto. Exemplos: *guarda-chuva*, *beija-flor* e *ganha-pão*. Além disso, a “forma verbal é rizotônica e tem o radical completado pela vogal do tema” (Câmara Jr. 1979³:213).

Câmara Jr. (1979³:213) observa que essa estrutura linguística relaciona-se com a segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo; entretanto, acrescenta que houve uma reinterpretação semântica, visto que não há propriamente uma ordem ou algo correlato desse modo verbal com o sentido do composto envolvendo uma forma verbal no primeiro elemento.

Relativamente à aglutinação, o autor aponta que a tendência natural dos nomes compostos é se integrarem um no outro resultando um só vocábulo fonológico. Dessa forma, o primeiro elemento, que é substantivo, “integra-se formalmente no segundo”, havendo a flexão de número somente no último elemento, como em *planalto-planaltos*, *aguardente-aguardentes*, etc (Câmara Jr. 1979³:214).

De acordo com Câmara Jr. (1979³:214), em português, a composição sofreu uma significativa perda de rentabilidade, deixando por exemplo, de ser possível, o processo de composição latino que consistia em “combinar um nome fixado numa forma temática especial a outro, que era o núcleo da composição”, por exemplo: *armiger*, “que traz armas”, *agrícola* “que cultiva o campo”.

O autor ressalta que a vogal -i- “completa o primeiro elemento radical” (*cordi-*, *beli-*, *fruti-*), *cordiforme* (“em forma de coração”), *belígero* (“guerreiro”), *frutífero* (“que produz fruto”), apontando, além da vogal -i-, a vogal -o- presente na composição por justaposição de adjetivos gentílicos, como por exemplo: (amizade) *luso-brasileira*, (guerra) *franco-prussiana*, etc (Câmara Jr. 1979³:214).

A seguir, analisar-se-á a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (1985), doravante referenciada como NGPC.

Como é sabido, a NGPC possui muitos aspectos próprios de uma gramática tida como “tradicional”, embora, contrariamente à de Câmara Jr. (1979³), não privilegie a abordagem diacrônica.

Cunha e Cintra (1984:106) defendem que a palavra composta “é o resultado de dois ou mais radicais e representa sempre uma ideia única e autónoma, muitas vezes, dissociada das noções expressas pelos seus componentes” e indicam os exemplos: *criado-mudo*,

que é o nome de um móvel, *mil-folhas*, o de um doce, *pé-de-galinha*, uma ruga no canto externo dos olhos e *vitória-régia*, o nome de uma planta.

Deve-se, pois, observar que os autores admitem a possibilidade de uma associação de sentido com os componentes, porém apresentam apenas exemplos que não demonstram essa associação; ou seja, não explicam, por exemplo, casos de compostos como: *jardim de inverno*, *gabinete de leitura*, *homem de negócio*, etc, sendo que *jardim de inverno* é o nome de um jardim, *gabinete de leitura* é um tipo de gabinete e *homem de negócios* é um homem que faz negócios.

Com relação à classificação da composição, os autores apontam três tipos de composição: a composição quanto à forma (classificação fonológica), quanto ao sentido (classificação semântica) e quanto à classe (classificação morfológica).

Desse modo, quanto à forma, a composição é classificada por:

a) justaposição:

quando há conservação da integridade fônica, como em *chapéu de sol*, *beija-flor*, *bem-me-quer*, *madrepérola*, *passatempo* e *segunda-feira*.

b) aglutinação:

quando há perda da ideia da composição ou perda fonológica, como em *pernalta*, *aguardente*, *viandante* e *embora*.

Quanto ao sentido, os autores (Cunha e Cintra 1984:106) levam em conta a ‘relação de determinação’ que se estabelece entre dois termos. Assim, no composto *escola-modelo*, a interpretação acontece da esquerda para a direita, sendo *escola* o determinado (elemento principal) e *modelo* o determinante (elemento secundário). E, no composto *mãe-pátria*, a interpretação ocorre da direita para a esquerda, sendo que *mãe* é o determinante e *pátria* o determinado.

E, por último, quanto à classe, Cunha e Cintra (1984:107-108) apresentam dez combinações de compostos:

a) substantivo + substantivo: *porco-espinho*, *manga-rosa*, *tamanduá-bandeira*;

b) substantivo + adjetivo: *aguardente*, *amor-perfeito* (adjetivo depois do substantivo), *belas-artes*, *gentil-homem*, *alto-forno* (adjetivo antes do substantivo);

- c) substantivo + preposição + substantivo: *mãe-d'água, pai de família*;
- d) adjetivo + adjetivo: *azul-marinho, luso-brasileiro, tragicômico*;
- e) numeral + substantivo: *mil-folhas, segunda-feira, trigêmeo*;
- f) pronome + substantivo: *meu-bem, nossa-amizade, Nosso Senhor*;
- g) verbo + substantivo: *beija-flor, guarda-roupa, passatempo*;
- h) verbo + verbo: *corre-corre, perde-ganha, vaivém*;
- i) advérbio + adjetivo: *bem-bom, não-euclidiana, sempre-viva*;
- j) advérbio + verbo: *bem-aventurar, maldizer, vangloriar-se*.

Além dessas combinações, os autores apontam que há outras, como compostos de *bem* e *mal* + substantivo ou adjetivo, por exemplo: *bem-aventurança, malfeitor, mal-encarado, bem-vindo*. E há, ainda, aqueles que não se distribuem pelos tipos citados anteriormente: *bem-te-vi, disse-que-disse, louva-a-Deus, não-te-esqueças-de-mim* (miosótis), *não-sei-que-diga* (nome do diabo), etc.

Cunha e Cintra (1984:108) mencionam que muitas “palavras compostas” normalmente empregadas não foram formadas em português. Entretanto, não deixam claro se devemos ou não considerá-las compostos. Indicam como exemplos *couve-flor* e *café-concerto*, de origem francesa, *bancarrota*, do italiano e *vinagre*, que provavelmente, segundo os autores, tem origem espanhola, ao contrário de Said Ali (2001⁸:193), que afirma que o vocábulo *vinagre* é do francês *vinaigre*, ou do italiano *vinagro*, como vimos anteriormente.

Segundo os autores, são compostos eruditos aqueles formados por radicais gregos ou latinos, e listam, segundo eles, os principais. Entre eles estão: *equi-* (igual), *bis-* (duas vezes), *ambi-* (ambos), *pisci-* (peixe) (radicais latinos) e *cali-* (belo), *neuro-* (nervo), *biblio-* (livro), *crono-* (tempo) (radicais gregos). E são, de acordo com os autores, altamente empregados nas palavras que constituem a nomenclatura científica, técnica e literária (Cunha e Cintra 1984:109).

Contrariamente a Cunha e Cintra (1984:109), no que se refere a radicais gregos ou latinos, no seguimento de Bauer (1983), Caetano (2010:131) adota a designação de “elementos neoclássicos, pois a combinação que hoje fazemos de elementos do grego e

do latim destina-se a nomear novos objectos, conceitos, teorias, entre outros, que não existiam na Antiguidade Clássica”. A autora considera que “esta designação é, apesar de tudo, mais neutra, i.e. não condiciona a ocorrência destes elementos em estruturas de composição ou de derivação e exclui-os das classes de palavras”.

Outra gramática de referência, sobretudo no Brasil, é a obra de Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa* (2009³⁷), a qual tem algumas semelhanças com a anterior, não só no que diz respeito à composição, como também relativamente a outros aspectos.

De acordo com Bechara (2009³⁷:355), “a composição consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si”. Exemplos: *papel-moeda*, *boquiaberto* e *planalto* (cf. pág. 351).

O autor afirma que há compostos formados com elementos eruditos gregos e latinos e que “só ocorrem na língua nessas novas unidades” (Bechara 2009³⁷:351), ou seja, não é possível encontrá-los independentes no discurso.

Além disso, acrescenta que há os compostos vernaculares cujos elementos são livres na língua, como *papel-moeda*, ou que apresentam alterações simples em seu aspecto formal, como em *boquiaberto*: boqu[i]aberto.

Bechara (2009³⁷:353) advoga que os compostos podem ser subdivididos em compostos por disjunção e contraposição.

Segundo o autor, a relação é chamada de disjunção porque o segundo elemento especifica o primeiro, mas não é uma subclasse dele⁶. São exemplos citados por Bechara (2009³⁷:353): *peixe-espada*, *bicho-carpinteiro*, *guerra-civil* e *opinião-pública*.

Ainda no caso dos compostos por disjunção, Bechara (2009³⁷:353) afirma que “são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum”.

Bechara (2009³⁷:353) declara que os compostos por contraposição, por seu turno, apresentam o segundo elemento com função predicativa quando há dois substantivos juntos numa hierarquia sintática de coordenação, conforme os exemplos *escola-modelo*,

⁶ “O primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação” (Bechara 2009³⁷:353).

navio-escola e *carro-bomba* (cf. pág. 353). Para o autor, os elementos *modelo*, *escola* e *bomba*, apesar de também serem substantivos, estão qualificando os substantivos *escola*, *navio* e *carro*.

Bechara (2009³⁷:355) subdivide ainda o processo de formação de palavras por composição em coordenação e subordinação devido à dependência ou não de um termo em relação ao outro.

Na composição por coordenação há uma sequência de elementos coordenados. Há compostos coordenados em que o determinante vem antes, como em *mãe-pátria* e *papel-moeda*; ou vem depois do determinado⁷, como em *peixe-espada*, *carro-dormitório* e *couve-flor* (cf. pág. 355).

Por outro lado, na composição por subordinação (cf. pág. 356), o determinante depende do determinado, por exemplo: *arco-íris*, *estrada de ferro*, *pão de ló*.

De acordo com Bechara (2009³⁷:56), é muito frequente a presença de nomes compostos nos quais a preposição *de* é omitida naturalmente. São exemplos dessa ocorrência: *porco-espinho* e *beira-mar*, correspondentes a *porco de espinho* e *beira do mar*.

Segundo o autor (cf. pág. 355), há apenas uma combinação de composição por coordenação:

a) substantivo + substantivo: *carro-dormitório*;

E, relativamente à composição por subordinação, as combinações são divididas em nove grupos (cf. pág. 356):

a) substantivo + adjetivo (ou vice-versa): *aguardente*, *obra-prima*, *belas-artes*, *boquiaberto*;

b) adjetivo + adjetivo: *surdo-mudo*, *luso-brasileiro*, *auriverde*;

c) pronome + substantivo: *Nosso Senhor*, *Sua Excelência*;

d) numeral + substantivo: *onze-letras*, *segunda-feira*, *bisneto*, *trigêmeo*;

e) advérbio + substantivo / adjetivo / verbo: *benquerença*, *malcriado*, *sempre-viva*;

⁷ Bechara (2009^{37a}:355) observa que “os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses”.

- f) verbo + substantivo: *lança-perfume, porta-voz, passatempo, busca-pé*;
- g) verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo: *vai-vém, leva e traz, corre-corre*;
- h) verbo + advérbio: *pisa-mansinho, ganha-pouco*;
- i) um grupo de palavras: *um Deus nos acuda, os disse me disse*.

Quanto à junção dos vocábulos, Bechara (2009³⁷:340) apresenta os radicais livres e os radicais presos. Para o autor, nos nomes formados a partir de radicais livres, mantém-se a individualidade de cada vocábulo:

- a) na escrita, uma base se junta a outra, normalmente ligadas por hífen, como em *guarda-roupa, mãe-pátria* etc;
- b) na pronúncia, cada base mantém seu acento tônico, sendo que o último é considerado o mais forte; o que serve para classificar *couve-flor* como oxítone e *guarda-chuva* como paroxítone.

As palavras compostas mencionadas em (a) e em (b) são exemplos de compostos por justaposição.

Bechara (2009³⁷:340) retoma Câmara Jr. (1977³:30) ao descrever o composto por aglutinação, referindo que é “o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais. Exemplos: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta “maior integração” a que Câmara Jr. se refere, “traduz-se pela perda de delimitação vocabular, decorrente,

- a) da existência de um único acento tônico;
- b) da troca ou perda de fonema;
- c) da modificação da ordem mórfica”.

Ainda se referindo aos compostos por aglutinação, Câmara Jr. (1956:95 – apud Bechara 2009³⁷:340) assume que há um processo de adaptação tanto do primeiro elemento quanto do segundo e acrescenta que, “a adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies:

- a) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lóbis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*);
- b) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha);

c) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-*, mas *vinh-* em *vinha* ‘árvore da uva’);

d) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: *agricultura* (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*) ”.

E quanto ao segundo elemento, deve-se observar as seguintes variações, de acordo com Câmara Jr. (1956:95 – apud Bechara 2009³⁷:340):

a) “ mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda);

b) o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre);

c) um elemento radical diverso do que a correspondente palavra; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de habitar ou cultivar) ”.

Como se pode observar, em Bechara (2009³⁷) são recuperadas as propostas “tradicionais” dos compostos por justaposição e aglutinação, apesar de o autor tentar ir um pouco mais além, ao defender que os compostos do português se subdividem em compostos por disjunção e contraposição, tal como apresentei anteriormente.

Ao tratar os compostos por aglutinação, Bechara (2009³⁷:340) opta por não apresentar uma abordagem própria, ancorando-se na de Câmara Jr (1977:30 – 1956:95), o que nos parece, no mínimo, estranho, uma vez que Bechara (2009³⁷:340) faz uso de seu próprio posicionamento ao apresentar o processo da composição por justaposição.

Verificou-se em Villalva (2000) uma proposta muito diferente da dos anteriores no que concerne a composição, o que se compreende muito bem, essencialmente por duas razões: uma porque em termos de datação a obra de Villalva (2000) é muito mais recente, outra porque sua proposta decorre de um modelo específico, o da Morfologia Generativa inspirada no Modelo Minimalista (cf. Chomsky 2007).

Villalva (2000:349) propõe que “os compostos sejam identificados como unidades morfológicas constituídas por um número mínimo de duas variáveis lexicais” (radicais ou palavras). Dessa forma, a composição relaciona-se à concatenação de duas ou mais variáveis.

A autora (2003⁷:971) defende que os compostos podem ser divididos em compostos morfológicos e compostos sintáticos.

Villalva (2003⁷:974), descreve os compostos morfológicos como

Um processo de concatenação de dois ou mais radicais, que exige a presença de uma vogal de ligação como delimitador da fronteira entre esses radicais. Os radicais que integram este tipo de compostos podem estabelecer entre si uma relação de modificação (...) ou uma relação de coordenação.

Os radicais integrantes dos compostos morfológicos, segundo a autora, podem ser simples, como em *raticida*, ou complexos, como em *luso-brasileiro* (Villalva 2000:353).

Villalva (2000:353) afirma que, “de um modo geral” o processo através do qual são produzidos os compostos morfológicos resulta em palavras que são consideradas empréstimos e não palavras formadas por processos produtivos⁸. Segundo a autora, são empréstimos gregos (ex.: *fil*, *graf*) ou latinos (ex.: *agr*, *ped*) os constituintes deste tipo de compostos, daí serem chamados de compostos neo-clássicos.

Entretanto, a autora não parece concordar com esta ideia, uma vez que afirma, seguidamente, que a designação ‘compostos neo-clássicos’ é “reduzora” e justifica tal afirmação argumentando que “a combinação de radicais neo-clássicos de origem grega com outros de origem latina nos chamados compostos híbridos mostra que estas formas não podem ser consideradas empréstimos de uma ou de outra destas línguas” (Villalva 2000:353).

A autora defende, ainda, a existência dos compostos morfológicos (Villalva 2000:354), onde formas de origem grega ou latina são combinadas com formas vernáculas do português (ex.: *autocarro*), assim como há compostos constituídos somente por formas portuguesas (ex.: *luso-brasileiro*), ou ainda, segundo a autora, “uma combinação de empréstimos latinos ou gregos e empréstimos de outras línguas (ex.: *skatódromo*)”.

Tal situação, segundo a autora, nunca ocorre com os afixos, uma vez que sua posição é fixa na estrutura e sua concatenação não geraria estruturas gramaticais ([*ção]organiza, *fazer[des]).

⁸ A autora acrescenta, contudo, que “os constituintes deste tipo de compostos são frequentes no domínio das terminologias técnicas e científicas” (cf. pág. 353).

Considerando que a distinção entre radicais e afixos nem sempre é fácil de estabelecer⁹, a autora assinala que muitos dos radicais que integram os compostos morfológicos não se verificam em palavras simples (*antrop / homem, *cron / tempo, *dactil / dedo, *dem / povo), sua semântica nem sempre é conhecida, além de ser difícil atribuir-lhes uma categoria sintática, a não ser por via etimológica (Villalva 2000:357). Assim como os prefixos, os radicais não têm autonomia o que, segundo Villalva (2000:357), permite que “alguns prefixos sejam interpretados como radicais, ou alguns radicais como prefixos”.

Segundo Villalva (2000:370), “a composição morfológica é um processo de concatenação de radicais, por intermédio de uma vogal de ligação” : as vogais -o- e -i- (exemplo [ge]o[graf]ia, [agr]i[cultor]). Contudo, afirmando que (cf. pág. 371), a vogal de ligação não “faz parte do constituinte à sua esquerda, nem do constituinte à sua direita, sendo antes um constituinte autónomo”, pois ocupa uma posição própria na estrutura dos compostos. Para além disso, a vogal tem a função, de acordo com a autora, exclusivamente, de delimitar os radicais. Ou seja, temos em Villalva (2000: 371) uma opinião diferente da de Câmara Jr. (1979:³:214).

São exemplos apresentados por Villalva (2000:371):

[fon]o[log]ia, [morf]o[lóg]ico, [agr]i[cultor], [herb]í[vor], [ge]o[graf]ia

Na estrutura dos exemplos acima, a vogal de ligação -i- acompanha os radicais neo-clássicos de origem latina e a vogal -o- acompanha os radicais de origem grega.

Deve-se ainda mencionar que, de acordo com a autora (cf. pág. 371) estas vogais são resquícios de marcadores da estrutura dos compostos do latim e do grego antigo.

Em Caetano (2010), refuta-se que a presença da vogal de ligação permita, só por si “agrupar debaixo do mesmo rótulo ‘composição morfológica’ formações do tipo *tecnocracia* e *raticida* e compostos adjetivais como por exemplo *político-cultural*”, na medida em que “não é tida em conta a etimologia, nem a autonomia ou não autonomia do segundo elemento”.

⁹ No entanto, Said Ali (2001:172), havia apontado o fato de não existirem na língua prefixos com existência independente, pois isso equivaleria a dizer que não “está bem demarcada a fronteira entre a derivação e a composição”, o que o autor rejeita.

A autora aponta que os radicais concatenados pela vogal de ligação podem “dar origem a uma estrutura de modificação, por adjunção à esquerda, ou a uma estrutura coordenada, por conjunção” (Villalva 2000:389).

Os compostos com estrutura de modificação são sempre nomes, têm o núcleo à direita e são estruturas binárias, como em:

- a) *macro-economia* _N
- b) *micro-neuro-cirurgia* _N
- c) *luso-descendente* [_{+ N}]
- d) *vaso-dilatação* _N

Os compostos coordenados, assim como os anteriormente mencionados (com estrutura de modificação), envolvem dois ou mais componentes, por exemplo:

- a) *económico-geográfico*
- b) *luso-brasileiro*

Com relação a estes compostos, Villalva (2000:388) defende que possuem três propriedades específicas, sendo a primeira: “todos os compostos deste tipo devem ser adjetivos ou [_{+N}] e de os seus constituintes serem, obrigatória e respectivamente, radicais adjetivais ou [_{+N}] ou interpretáveis como tal”.

Por exemplo (cf. pág. 385):

- a) *económico-geográfico* _{Adj}
- b) *sócio-político-cultural* _{Adj}
- c) *luso-brasileiro* _{Adj}
- d) *afro-luso-brasileiro* _{Adj}

Na segunda propriedade, a autora defende que os compostos:

Podem não ter núcleo quando:

- a) a condição ISA¹⁰ não permitir sua identificação. Exemplo: *económico-geográfico* (cf. pág. 386).

¹⁰ De acordo com Allen (1978), “ISA condition” significa que : em [[]X []Y]Z.

Todos os constituintes do composto são núcleo quando:

a) os “compostos que referem enumerações cumulativas, se, as duas aplicações da condição ISA forem conjugadas” (Villalva 2000:386). Exemplo:

(cidadão) *luso-brasileiro* é um tipo de (cidadão) luso e cumulativamente um tipo de (cidadão) brasileiro.

b) as “estruturas que referem uma enumeração dos termos de uma relação simétrica, a interpretação desejada é obtida se se conjugar a aplicação da condição ISA ao seu inverso” (Villalva 2000:387). Exemplo:

(acordo) *luso-brasileiro* é (um acordo) entre lusos e brasileiros e entre brasileiros e lusos.

Relativamente ao núcleo dos compostos, Val Álvaro (2000³:4765,4766) advoga que tanto na sintaxe quanto na morfologia aceita-se que é o núcleo que determina o tipo de categoria da construção e é também no núcleo que se encontram os recursos de distribuição. Segundo o autor, “esta idea básica puede dar lugar a distintas propuestas sobre cómo interpretar el concepto de núcleo” (cf. pág. 4766).

O autor apresenta um ponto de vista que considera “tradicional en morfología” (Val Álvaro 2000³:4766)

el concepto de núcleo aplicado a los compuestos aúna criterios distribucionales y semánticos. Así, por ejemplo, *pez espada* o *zarzamora* son compuestos con la categoría de sustantivo, como sus núcleos respectivos *pez* y *mora*, y su significado se refiere a un tipo de *pez* y a una especie de *mora*. Esta aproximación se basa en que la interpretación semántica composicional está en correspondencia con la estructura de constituyentes. En este sentido, el núcleo se define tradicionalmente como el elemento léxico del que la voz compleja denota un subconjunto.

Para Val Álvaro (2000³:4766), são duas as classes de compostos: os endocêntricos e os exocêntricos. Os primeiros (endocêntricos) possuem núcleo e apresentam uma configuração morfológica que retrata as relações semânticas que existem entre seus elementos. Já os exocêntricos não têm núcleo; são compostos para os quais não existe uma interpretação composicional de nenhum de seus elementos.

Quanto à terceira propriedade, Villalva (2000:388) considera que a estrutura dos compostos coordenados não é, necessariamente, binária. O que diferencia os compostos

Ou seja, do ponto de vista sintático, o composto [Z] tem a mesma categoria que o segundo constituinte [Y], sendo este o núcleo.

coordenados dos outros, segundo a autora, é que estes “são gerados por um processo de conjunção, ou adjunção simétrica, que consiste na justaposição dos termos coordenados, dominados por um único nó, como em *sócio-político-cultural*” (cf. pág. 388).

A proposta de Villalva (2000:385-388) relativamente à estrutura de coordenação não se me afigura convincente, uma vez que, segundo Edwin Williams (1981), o núcleo de uma palavra complexa é o elemento que se encontra à direita e que é o responsável pela especificação categorial, por exemplo: *-dor*, em *trabalhador*, ou, em inglês, *board*, em *black board*.

Assim, nos compostos do português, quando é possível determinar um núcleo (compostos endocêntricos), este se encontra à esquerda. Exemplo: *peixe-espada*, peixe é o núcleo, porque trata-se de “um tipo de peixe”.

A autora afirma, a respeito dos compostos sintáticos (cf. pág. 390), que, assim como os morfológicos, aqueles são também constituídos por um mínimo de duas variáveis, sendo palavras que fazem parte de expressões sintáticas.

Além disso, podem ser formados pelos processos de adjunção, de conjunção, ou de reanálise de uma expressão sintática (Villalva 2003⁷:979).

Os compostos gerados por adjunção têm estruturas formadas por dois nomes, sendo que o núcleo é o nome à esquerda, e variam em gênero e em número. Exemplos (Villalva 2003⁷:980):

- | | |
|---------------------------|-------------------------|
| a) <i>aluno-modelo</i> | <i>aluna-modelo</i> |
| b) <i>homem-aranha</i> | <i>mulher-aranha</i> |
| c) <i>bomba-relógio</i> | <i>bombas-relógio</i> |
| d) <i>crocodilo-macho</i> | <i>crocodilos-macho</i> |

Por outro lado, a autora aponta que os compostos formados por conjunção podem ser nome ou adjetivo, como em (2003⁷:981):

- a) *autor-compositor*
- b) *surdo-mudo*

Villalva (2003⁷:981) assegura que a frequência dos compostos que envolvem a coordenação de nomes é mais alta, podendo até mesmo gerar sequências de mais de dois termos. Por exemplo:

a) *autor-compositor-intérprete*

b) *café-bar-restaurant*

c) *rádio-gravador-leitor de cassetes*

Todos os constituintes dos compostos formados por nomes devem variar, igualmente, quanto ao número e quanto ao gênero, exceto quando algum deles é invariável, como em b e c.

Além disso, a autora refere os adjetivos coordenados constituintes dos compostos formados por conjunção, afirmando que são concordantes quanto ao gênero, como em:

a) *surdo-mudo* *surda-muda*

Relativamente à flexão de gênero e número dos compostos, Caetano (2010:136) adota uma posição diferente, com a qual concordo. A autora afirma que na composição sintática, há casos de flexão interna, marginal, dupla e impossibilidade de flexão em gênero e número, por exemplo, *estrela do mar*, *estrelas do mar*, **estrelas dos mares*; *guarda chuva*, *guarda chuvas*, **guardas chuvas*; *tenente coronel*, *tenentes coronéis*, **tenente coronéis*, **tenentes coronel*; *sangue frio*, **sangues frios* (Caetano 2010).

Ainda a respeito da flexão dos compostos sintáticos, Caetano (2010) aponta que

Elementos como luso- e rat(i), por exemplo, são pela sua natureza elementos presos e invariáveis, aos quais não é possível atribuir uma determinada categoria sintática e, nessa medida, não são sensíveis a marcas de flexão, situação bastante diferente de, por exemplo, *brasileiro* e *surdo* e *mudo*, que, para além de ocorrerem enquanto elementos de compostos como os acima indicados, têm existência autónoma na língua e são adjetivos que flexionam em gênero e em número.

Villalva (2000:418) defende que, nos compostos sintáticos formados por adjunção, assim como nos formados por conjunção, a estrutura sintática é, de igual modo, morfologicamente transparente, mas sintaticamente opaca.

Além dos dois processos de formação de compostos sintáticos já mencionados (adjunção e conjunção), Villalva (2003⁷:982) indica um terceiro processo, a reanálise,

que gera compostos que têm como base um verbo flexionado na terceira pessoa do singular do indicativo, seguido de um nome, que é o constituinte da direita, podendo estar no masculino ou no feminino, e na maioria dos casos, flexionado no plural.

A autora defende que a justaposição e a aglutinação não são duas subclasses de compostos sintáticos, mas sim dois estágios de lexicalização destes compostos; são categorias diacrônicas, e não uma tipologia sincrônica (Villalva 2000:347).

Além disso, afirma que os compostos chamados de justapostos são aqueles que sofreram um processo de lexicalização semântica e os aglutinados são formas que perderam sua estrutura interna, ou seja, passaram por um processo de lexicalização semântica e formal e já não são, atualmente, tidos como compostos (2000:347).

Para a autora, palavras originariamente compostas, como *pontapé*, *madrepérola*, *corrimão*, *artimanha*, *matação* e *parapeito* “são praticamente irrelevantes” por se tratar de formas lexicalizadas e não compostos sintáticos, posição que em Villalva (2003⁷:980) não é, para nós, suficientemente clara e carece de sustentação. Formalmente, em *pontapé*, por exemplo, não será possível ainda hoje, estabelecer uma fronteira entre *ponta* e *pé*? A lexicalização aplica-se unicamente aos casos em que deixa de haver composicionalidade?

Como foi descrito anteriormente, Villalva (2000, 2003) divide a composição em morfológica e sintática, o que para o português, tem sido de uma quase unanimidade, mas esta perspectiva não é seguida por outros morfólogos e gramáticos. Por exemplo, Val Álvaro (2000³:4760), na *Gramática Descriptiva da Língua Espanhola*, apresenta os “compuestos léxicos y compuestos sintagmáticos”. Os primeiros (compostos ‘proprios’) consistem “en la combinación de, en principio, dos palabras” (exemplo: *pelirrojo*), enquanto os segundos (compostos ‘improprios’), resultam da “fijación de una estructura sintáctica en una forma determinada, lo que conlleva la pérdida de propiedades sintácticas y la hace hábil para expresar conceptos unitarios” (exemplo: *fin de semana*).

Passarei, seguidamente, à caracterização da composição na obra de Luiz Carlos Rocha (2003²), que, assim como a de Villalva (2000), é centrada nos pressupostos da Teoria Gerativa. Entretanto, ao contrário da autora, Rocha (2003²) aborda superficialmente a área da composição.

Rocha (2003²:187) afirma que o falante pode gerar um vocábulo composto ao unir duas bases preexistentes na língua. A composição é, segundo o autor, um processo autônomo de formação de palavras em português, ao contrário da derivação e da onomatopeia. São exemplos de compostos:

- a) *trem-de-ferro*
- b) *salário-família*
- c) *aguardente*
- d) *secretária-eletrônica*
- e) *estrada de ferro*
- f) *cadeira de balanço*

Além de autônomo, Rocha (2003²:188) defende que o processo da composição, por ser um ‘mecanismo linguístico rico e diversificado’, é largamente empregado pela imprensa¹¹.

Assim como Cunha e Cintra (1984:109), Rocha (2003²:188) assegura que a linguagem técnica, científica e literária faz um amplo uso dos compostos eruditos. E indica exemplos desse tipo de composto¹²:

- | | |
|-------------------------|-------------------------|
| a) <i>agrotóxico</i> | e) <i>ciclovía</i> |
| b) <i>citricultura</i> | f) <i>cinemania</i> |
| c) <i>cinemateca</i> | g) <i>lipoaspiração</i> |
| d) <i>narcodeputado</i> | h) <i>eco-sistema</i> |

Vale ressaltar que Rocha (2003²:188) defende a necessidade de se reavaliarem morfologicamente os processos de formação de palavras, sob a ótica da análise estrutural, porque, muitas vezes, um termo composto sob o ponto de vista diacrônico não o é mais sob o ponto de vista sincrônico. Dessa forma, um vocábulo que

¹¹ Rocha sugere que se consulte as obras de Sandman (1989) e Alves (1990), onde se podem encontrar inúmeros exemplos de composição na mídia impressa. E é de Alves (1990:41 - 55) o exemplo a seguir: ‘A indelicadeza de Darci foi atenuada pelo show do candidato-deputado-cantor A. Timóteo’.

¹² É também de Alves (1990:50) o exemplo de composto erudito encontrado na mídia impressa: ‘Criador de uma ciência – a Tropicologia – as ideias de Frege valeram fama internacional e, no Brasil, uma controversa legião de seguidores e opositores’.

originalmente era considerado como composto pode deixar de sê-lo posteriormente. O autor cita exemplos (cf. pág. 189, 190) de vocábulos que eram anteriormente compostos e que hoje são palavras simples:

- a) *arquipélago*: arqui (ter primazia) + (pélago) (mar)
- b) *paróquia*: pará (junto de) + (oikia) (casa)
- c) *sarcófago*: sarco (carne) + fago (comer)

Após a apresentação e discussão das distintas abordagens arroladas por Said Ali (2001⁸), Celso Cunha e Lindley Cintra (1984), Câmara Jr. (1979³), Evanildo Bechara (2009³⁷), Alina Villalva (2000) e Luiz Carlos Rocha (2003²), tratadas neste capítulo, acerca da composição em português, pode-se extrair as seguintes conclusões:

1) No que respeita à formação de palavras por composição, Ali (2001⁸), Câmara Jr. (1979³), Cunha e Cintra (1984), Bechara (2009³⁷), Villalva (2000) e Rocha (2003²) não apresentam diferenças substanciais acerca dos conceitos de que se valem. Nesse sentido, pode-se dizer que se mostram unânimes quanto à conceituação do processo em apreço e ao fato de haver unicidade semântica nos vocábulos compostos, de modo que se percebem, apenas, a preferência de um termo por outro.

2) Com relação à classificação da composição, há diferenças significativas, tal como lembrado por Lieber (2005:376), que admite que não é fácil definir os critérios que com precisão distingam todos os tipos de compostos. Ali (2001⁸), e Rocha (2003²) não apresentam qualquer classificação, Câmara Jr. (1979³) propõe dois tipos de composição, isto é, por justaposição e por aglutinação, além de defender que a prefixação é o “genuíno mecanismo” da composição em português e Cunha e Cintra (1984) apresentam a composição quanto à forma, quanto ao sentido e quanto à classe. Já Bechara (2009³⁷), apesar de tentar ir mais longe, ao propor a subdivisão em disjunção e contraposição, retoma a classificação dos compostos por justaposição e aglutinação, sendo que, neste último (composto por aglutinação), apresenta a abordagem de Câmara Jr. (1979³). Por fim, Villalva (2000) defende que a composição subdivide-se em morfológica e sintática.

3) Said Ali (2001⁸) defende a ideia de que são compostos apenas aqueles formados a partir de vocábulos pertencentes ao idioma português. Indica, entre outros, o exemplo *couve-flor*, do francês *chou-fleur*. Por seu turno, Cunha e Cintra (1984) também apontam que muitas das palavras compostas normalmente empregadas foram formadas

noutros sistemas, dando, mais uma vez, como exemplo *couve-flor*, formada em francês. Além disso, Villalva (2003⁷) chama atenção para o fato de várias unidades, originariamente, resultantes de um processo de composição, se terem lexicalizado.

4) Câmara Jr. (1979³) nomeia as construções composicionais do tipo N + Prep + N de locuções, como por exemplo, *estrada de ferro*, enquanto Villalva (2000) não inclui essa combinatória no conjunto dos compostos e tampouco abarca N + A;

5) No que concerne às combinatórias de palavras que permitem gerar um composto, são 10 as apresentadas por Cunha e Cintra (1984) e por Bechara (2009³⁷), Said Ali (2001⁸) havia apresentado nove combinatórias, Câmara Jr. (1979³) defende que são três as combinatórias, e Rocha (2003²) e Villalva (2000; 2003⁷) não apresentam as combinatórias em grupos específicos.

Todas as abordagens apresentadas anteriormente têm, portanto, vários aspectos muito positivos a ter em conta para qualquer trabalho sobre a composição em português, ainda que, como espero ter demonstrado, seja, por vezes, difícil tentar conciliar todas as propostas e, sobretudo, chegar a uma definição unânime do que é um composto.

Capítulo 2: Metodologia e constituição do *Corpus*

Neste capítulo será apresentada a metodologia e a constituição do *corpus* que serviu de base à presente dissertação, o qual servirá de ponto prévio à análise e discussão dos dados, que serão empreendidas no capítulo seguinte.

Como o objetivo do presente trabalho é contribuir para uma melhor delimitação do conceito de composto nominal e, conseqüentemente, do processo de composição, houve a necessidade de compilar um *corpus*, em que fosse possível analisar diferentes tipos de compostos nominais do português, para robustecer alguns pressupostos.

2.1. Metodologia

A escolha do *Dicionário Houaiss* (2007) deveu-se ao fato de esta ser uma das obras lexicográficas mais completas para o português, contendo informações abundantes e exaustivas de diferente teor. Além das indicações mais comuns (categoria gramatical, acepções, etc) temos, por exemplo, informações etimológicas, nalguns casos, ainda, datações, ortoépia, regionalismo, remissão para sinônimos, antônimos, etc. Enquanto dicionário “tradicional” é uma das obras de referência para toda a lusofonia. Ademais, o *Houaiss* é um dicionário semasiológico e, portanto, parte-se do significante para chegar ao significado. Sua macroestrutura segue o critério ordenador de listar os verbetes em ordem alfabética, simplificando substancialmente a pesquisa por parte do consulente e tem a vantagem acrescida, sobretudo, para trabalhos do tipo daquele que estou a efetuar, de ter uma versão informatizada, o que facilita enormemente as pesquisas.

Tendo em consideração a opção pelo *Dicionário Houaiss* (2007) e sabendo que a análise de todas as entradas que apresentassem compostos nominais demandaria um estudo de impossível realização nesta etapa, optei pela apreciação de uma entrada de cada letra do alfabeto da língua portuguesa.

Dessa forma, apresento a seguir, as entradas cujos compostos e expressões¹³ serão analisadas e discutidas: abaixador, balão, carta, dama, economia, fé, gabinete, homem,

¹³ Como já aludi, os compostos lexicalizados e as expressões lexicalizadas não serão alvo de uma exploração profunda.

idade, jardim, khmer, laboratório, mão, natureza, objeto, pão, quadra, raio, setor, tempo, universo, vara, xangô, e, por último, zagueiro, não tendo sido encontradas entradas iniciadas com as letras w e y que tenham compostos nominais.

2.2. Constituição do *corpus*

Do levantamento efetuado, obtive um total de 471 itens, os quais foram organizados em quatro grupos: o primeiro grupo inclui os compostos endocêntricos, que são 241; no segundo, temos os compostos exocêntricos, que são 50; no terceiro, os compostos lexicalizados, que são 87, e no último grupo apresentam-se as expressões lexicalizadas, que são 93.

Assim, apresentam-se a seguir os grupos de compostos atrás referidos:

- ♦ no primeiro grupo, os compostos endocêntricos: 2.2.1;
- ♦ no segundo grupo, os compostos exocêntricos: 2.2.2;
- ♦ no terceiro grupo, os compostos lexicalizados: 2.2.3;
- ♦ no quarto grupo, as expressões lexicalizadas: 2.2.4.

2.2.1. Compostos Endocêntricos

2.2.1.1: N + N

1. balão-piloto (m.q. ¹⁴*balão-sonda*)
2. balão-sonda
3. carta-bilhete
4. carta-bomba
5. carta patente
6. homem-chave
7. homem-gol
8. homem-mosca

¹⁴ Ao indicar “m.q.” reporto-me à informação que surge no *Dicionário Houaiss* (2007).

9. homem-pássaro
10. homem-rã
11. homem-robô
12. homem-sanduíche
13. objeto-símbolo
14. pão-bengala
15. pão-canoa
16. pão-petrópolis
17. raio laser

2.2.1.2: N + Adj

- | | |
|--------------------------|-------------------------------------|
| 1. balão cativo | 20. carta geral |
| 2. balão dirigível | 21. carta hidrográfica |
| 3. balão estratosférico | 22. carta isófota |
| 4. balão japonês | 23. carta magna |
| 5. balão livre | 24. carta náutica |
| 6. balão volumétrico | 25. carta orobatimétrica |
| 7. carta aberta | 26. carta partida |
| 8. carta avocatória | 27. carta plana |
| 9. carta batimétrica | 28. carta polar |
| 10. carta celeste | 29. carta precatória |
| 11. carta circular | 30. carta reduzida |
| 12. carta citatória | 31. carta régia |
| 13. carta comendatória | 32. carta revocatória / revogatória |
| 14. carta constitucional | 33. carta rogatória |
| 15. carta credencial | 34. carta rumada |
| 16. carta dimissória | 35. carta sinóptica |
| 17. carta estratégica | 36. carta testamentária |
| 18. carta geográfica | 37. carta testemunhal |
| 19. carta geológica | 38. carta topográfica |

- 39. economia dirigida
- 40. economia doméstica
- 41. economia dramática
- 42. economia fechada
- 43. economia informal
- 44. economia invisível
- 45. economia linguística
- 46. economia mista
- 47. economia política
- 48. economia popular
- 49. economia processual
- 50. fé conjugal
- 51. homem público
- 52. homem-bom
- 53. homem-grande
- 54. idade absoluta
- 55. idade crítica
- 56. idade geográfica
- 57. idade geológica
- 58. idade legal
- 59. idade Média
- 60. idade mental
- 61. idade relativa
- 62. jardim botânico
- 63. jardim público
- 64. jardim zoológico
- 65. khmer vermelho
- 66. laboratório farmacêutico
- 67. natureza humana
- 68. objeto virtual
- 69. pão amanhecido (m.q. *pão dormido*)
- 70. pão árabe
- 71. pão ázimo
- 72. pão branco
- 73. pão careca
- 74. pão dormido
- 75. pão francês
- 76. pão integral
- 77. pão preto
- 78. pão ralado
- 79. pão saloio
- 80. pão sírio (m.q. *pão árabe*)
- 81. raio extraordinário
- 82. raio geodésico
- 83. raio luminoso
- 84. raio ordinário
- 85. raio polar
- 86. raio principal
- 87. raio visual
- 88. setor esférico
- 89. setor circular
- 90. setor informal (m.q. *economia informal*)
- 91. setor primário
- 92. setor poligonal
- 93. setor privado
- 94. setor público
- 95. setor secundário
- 96. setor terciário
- 97. tempo absoluto

- 98. tempo astronômico
- 99. tempo compartilhado
- 100. tempo composto
- 101. tempo geológico
- 102. tempo hábil
- 103. tempo integral
- 104. tempo local
- 105. tempo médio (m.q. *tempo astronômico*)
- 106. tempo morto

- 107. tempo próprio
- 108. tempo real
- 109. tempo relativo
- 110. tempo simples
- 111. tempo universal
- 112. tempo útil
- 113. universo visível
- 114. vara real
- 115. zagueiro central

2.2.1.3: N + Prep + N

- 1. ato de fé
- 2. abaixador de língua
- 3. balão de anestesia
- 4. balão de barragem
- 5. balão de gás
- 6. balão de oxigênio
- 7. balão de sondagem (m.q. *balão estratosférico*)
- 8. balão-de-ensaio
- 9. carta de abono
- 10. carta de adjudicação
- 11. carta de aforamento
- 12. carta de afretamento (m.q. *carta partida*)
- 13. carta de alforria
- 14. carta de arrematação
- 15. carta de condução
- 16. carta de corso (m.q. *carta de marca*)
- 17. carta de crédito

- 18. carta de emancipação
- 19. carta de fiança
- 20. carta de foro (m.q. *carta de aforamento*)
- 21. carta de instrução
- 22. carta de marca
- 23. carta de navegação (m.q. *carta náutica*)
- 24. carta de partilha
- 25. carta de piloto
- 26. carta de prego
- 27. carta de privilégio
- 28. carta de reconhecimento
- 29. carta de saúde
- 30. dama da noite
- 31. dama de caridade
- 32. economia de escala
- 33. economia de guerra
- 34. economia de mercado

35. fé de carvoeiro
36. gabinete de leitura
37. homem da lei
38. homem da rua (m.q. *homem do povo*)
39. homem de Estado
40. homem de gabinete
41. homem de palavra
42. homem de pulso
43. homem de sociedade
44. homem do povo
45. idade da pedra
46. jardim de popa
47. pão de forma
48. pão de mel
49. pão de queijo
50. pão de saluga / saruga
51. pão de véspera (m.q. *pão dormido*)
52. raio de ação
53. raio de curvatura

54. raio de giração
55. tempo de acesso
56. tempo de aberração
57. tempo de entrada (m.q. tempo de acesso)
58. tempo de coagulação
59. tempo de geração
60. tempo de luz (m.q. *tempo de aberração*)
61. tempo de projeção
62. tempo de relaxação
63. tempo de residência
64. tempo de resolução
65. tempo de resposta
66. tempo de sangramento
67. tempo de voo
68. tempo da salga
69. universo do discurso
70. zagueiro de área
71. zagueiro de espera
72. zagueiro de sobra

2.2.1.4: N + Prep + NP

1. carta de Mercator (m.q. *carta reduzida*)
2. homem de Neanderthal
3. idade de Cristo
4. tempo de Friedman
5. tempo de Hubble

2.2.1.5: N + Prep + N_{pl}

1. carta de correntes

2. carta de ventos
3. carta de vinhos
4. economia de palitos
5. homem de letras
6. homem de negócios
7. laboratório de línguas
8. universo de enunciados

2.2.1.6: N + Prep/Det_{pl} + N

1. tempo das efemérides

2.2.1.7: N_{pl} + N

1. raios alfa
2. raios beta
3. raios canal
4. raios delta
5. raios gama
6. raios Roentgen (m.q. *raios X*)
7. raios X

2.2.1.8: N_{pl} + Adj_{pl}

1. raios cósmicos
2. raios catódicos
3. raios positivos
4. tempos apagados
5. tempos fabulosos

2.2.1.9: N + Prep + VInf

1. carta de marear (m.q. *carta náutica*)

2.2.1.10: N + VPart

1. homem-feito

2.2.1.11. N + Prep + Adv

1. homem de bem

2.2.1.12: Composto Nominal (de N + N) + Adj

1. raio X branco
2. raio X duro
3. raio X mole
4. tempo solar médio (m.q. *tempo astronômico*)
5. tempo solar verdadeiro

2.2.1.13: Num + N

1. terceira idade

2.2.1.14: Adj + N

1. nova economia
2. velha economia

2.2.2. Compostos Exocêntricos

2.2.2.1: N + Adj

- | | |
|-------------------------|-----------------|
| 1. fé pública | 5. mão dupla |
| 2. jardim infantil | 6. mão esquerda |
| 3. laboratório espacial | 7. mão feliz |
| 4. mão direita | 8. mão única |

9. mão-francesa
10. mão-inglesa
11. mão-pendente
12. objeto direto
13. objeto indireto

14. objeto real
15. objeto transicional
16. quadra quadrada
17. tempo sideral

2.2.2.2: N + N

1. homem-hora
2. jardim-escola
3. mão-quadra

2.2.2.3: N + Prep + N

- | | |
|-----------------------|------------------------|
| 1. artigo de fé | 14. pão de açúcar |
| 2. confissão de fé | 15. pão de ajunta |
| 3. profissão de fé | 16. pão de munição |
| 4. fé de citação | 17. pão da alma |
| 5. fé de ofício | 18. pão do espírito |
| 6. fé de réu | 19. pão-de-chumbo |
| 7. idade da maré | 20. pão-de-ló |
| 8. idade da onda | 21. pão-de-ouro |
| 9. jardim-de-infância | 22. pão-com-rosca |
| 10. jardim-de-inverno | 23. quadra de carreira |
| 11. mão-de-cáiser | 24. quadra de sesmaria |
| 12. mão de ferro | 25. quadra da lua |
| 13. mão de linho | 26. quadra do ano |

2.2.2.4: N + Prep_{pl} + N_{pl}

1. pão dos anjos (m. q. pão da alma)

2.2.2.5: N + Prep + Num

1. mão-de-onze

2.2.2.6: N_{pl} + Adj_{pl}

1. mãos postas

2.2.2.7: Composto Nominal (de N + Adj) + Adj

1. objeto direto preposicionado / preposicional

2.2.3. Compostos Lexicalizados

2.2.3.1: N + N

1. universo-ilha

2.2.3.2: N + Adj

- | | |
|---------------------|-------------------------|
| 1. balão-chinês | 14. mão-pesada |
| 2. carta branca | 15. mão posta |
| 3. dama branca | 16. mão própria |
| 4. fé púnica | 17. mão-cheia |
| 5. mão-aberta | 18. mão-tenente / tente |
| 6. mão-boba | 19. natureza morta |
| 7. mão-curta | 20. objeto parcial |
| 8. mão-fechada | 21. pão-durismo |
| 9. mão-furada | 22. pão-duro |
| 10. mão guidoniana | 23. pão-porcino |
| 11. mão-leve | 24. pão-posto |
| 12. mão-morta (1,2) | 25. tempo-quente |
| 13. mão-pelada | |

2.2.3.3: N + Prep + N

- | | |
|---|--|
| 1. carta de á-bê-cê / do abc | 29. mão-de-vaca |
| 2. confissão de fé (m.q. <i>profissão de fé</i>) | 30. mão na bola |
| 3. dama-da-noite | 31. mão na roda |
| 4. dama de honra / honor | 32. pão-de-cuco |
| 5. dama de branco | 33. pão-de-galinha |
| 6. dama-de-ovos | 34. pão-de-leite |
| 7. dama-do-lago | 35. pão-de-pássaros |
| 8. dama-do-paço | 36. pão-de-porco |
| 9. dama-entre-verdes | 37. pão-do-chile |
| 10. jardim das delícias | 38. pão-da-américa |
| 11. homem-de-palha | 39. pão-de-pobre |
| 12. homem-da-rua | 40. pão-de-porcino |
| 13. mão-de-branco | 41. profissão de fé (m.q. <i>confissão de fé</i>) |
| 14. mão-de-cabelo | 42. tempo de casa |
| 15. mão-de-faca | 43. tempo de serviço (m.q. <i>tempo de casa</i>) |
| 16. mão de fada | 44. tempo de vida |
| 17. mão-de-finado | 45. tempo do ronca |
| 18. mão de frade | 46. vara de condão |
| 19. mão-de-gato | 47. vara do castelo |
| 20. mão de gengibre | 48. vara-de-foguete |
| 21. mão-de-leitão | 49. vara-de-ouro / oiro |
| 22. mão-de-mono | 50. Xangô de ouro |
| 23. mão-de-obra | |
| 24. mão-de-onça | |
| 25. mão-de-padre | |
| 26. mão de pilão | |
| 27. mão de solfa | |
| 28. mão-de-toupeira | |

2.2.3.4: $N_{pl} + Prep + N$

1. raios-de-júpiter

2. mãos-de-sapo

2.2.3.5: $N + Prep + NP$

1. tempo do Onça

2.2.3.6: $N + Prep_{pl} + NP_{pl}$

1. tempo dos Afonsinhos

2.2.3.7: $N_{pl} + Adj_{pl}$

1. mãos-atadas

2. mãos-largas

3. mãos-rotas

2.2.3.8: $N + Conj + N$

1. pão-e-queijo

2.2.3.9: $N + VFut$

1. tempo-será

2.2.3.10: $Adj + N$

1. magna carta

2.2.3.11: $N + Prep + Composto\ Nominal\ (de\ N + NP)$

1. balão-de-São-José

2.2.4. Expressões Lexicalizadas

2.2.4.1: N + Prep + N

1. mão na bola
2. mão na roda
3. mão por mão

2.2.4.2: VInf + N

1. dar fé
2. fazer dama
3. fazer fé
4. fazer tempo (s) (m.q. *haver tempo*)
5. ganhar tempo
6. haver tempo (s)
7. levar fé
8. perder tempo
9. ser tempo
10. ter fé
11. ter mão
12. ter tempo

2.2.4.3: Vinf + Det + N

- | | |
|----------------------|--------------------|
| 1. abrir a mão | 7. fechar o tempo |
| 2. aguentar a mão | 8. forçar a mão |
| 3. assentar a mão | 9. matar o tempo |
| 4. dar um tempo | 10. perder a mão |
| 5. desabar o tempo | 11. perder o tempo |
| 6. esquentar o tempo | 12. sentar a mão |

13. ser uma dama

14. soprar a dama

2.2.4.4: VInf + Det_{pl} + N_{pl}

1. abrir as mãos
2. dar as cartas
3. deitar as cartas (m.q. *pôr as cartas*)
4. mostrar as cartas (m.q. *pôr as cartas*)
5. pôr as cartas
6. lavar as mãos
7. levantar as mãos
8. pôr as mãos

2.2.4.5: VInf + Prep + N

1. deixar de mão
2. desabrir de mão (m.q. *abrir mão de*)
3. ficar na mão
4. haver à(s) mão(s)
5. jogar de mão
6. largar de mão
7. sair na mão
8. ter à mão
9. ter pela mão
10. vir à mão
11. dar por fé (m.q. *dar fé*)

2.2.4.6: VInf + N + Prep

1. ter fé em
2. abrir mão de
3. desabrir mão de

4. lançar mão de
5. ter mão de
6. ter mão em
7. ter mão para

2.2.4.7: VInf + Prep + N_{pl}

- | | |
|-------------------|----------------|
| 1. abrir as mãos | 3. vir às mãos |
| 2. ter entre mãos | |

2.2.4.8: VInf + N + Adj

1. fazer pão grande
2. ter mão leve

2.2.4.9: VPart + Prep + N

1. limpo de mão
2. corrido à vara

2.2.4.10: Prep + N

1. à mão
2. em mão(s)
3. na mão
4. sob mão

2.2.4.11: Prep + N + Adj

1. à mão armada
2. de mão beijada
3. de mão lavada

2.2.4.12: Prep + N_{pl} + Adj_{pl}

1. às mãos lavadas
2. de mãos abertas (m.q. *de mãos largas*)
3. de mãos atadas / amarradas
4. de mãos largas
5. de mãos limpas
6. em mão(s) própria(s) (m.q. *em mão(s)*)

2.2.4.13: Prep + N + Prep

1. à fé (de)

2.2.4.14: Prep + Num + N

1. de primeira mão
2. em primeira mão
3. de segunda mão
4. em segunda mão

2.2.4.15: Prep + Num + N_{pl}

1. em dois tempos

2.2.4.16: Prep + Prep + N

1. debaixo de mão
2. debaixo de vara

2.2.4.17: Prep + N_{pl} + PronIndef_{pl}

1. às mãos ambas

2.2.4.18: Prep + N_{pl} + VGer

1. de mãos abanando

2.2.4.19: Prep + Adj_{pl} + N_{pl}

1. em boas mãos

2.2.4.20: Prep + N + N

1. à mão-tenente / à mão-tente

2. em tempo recorde

2.2.4.21: Det + Num + N_{pl}

1. a quatro mãos

2.2.4.22: Det + N + Adj

1. a (às) mão-cheia

2.2.4.23: N + Prep + N

1. mão por mão

2.2.4.24: Adj + Conj + N

1. bom como pão

2.2.4.25: Adv + Prep + N

1. fora de mão

Capítulo 3 – Análise e discussão dos dados

Após a apresentação dos 471 itens que compõem o *corpus* deste estudo, tendo optado por subdividi-los em compostos endocêntricos, exocêntricos, compostos lexicalizados e expressões lexicalizadas, procederei à análise dos mesmos e discutirei alguns aspectos envolvidos nestas formações.

É relevante mencionar que a classificação dos compostos não é de modo algum simples, pois se uns são claramente endocêntricos, noutros há, por vezes, algumas dificuldades, tal como afirma Fabb (1998:67), para quem “the distinction between endocentric and exocentric compounds is sometimes a matter of interpretation”¹⁵.

Quando se define um composto como sendo endocêntrico, equivale a indicar que ele estabelece uma relação hipônima com seu núcleo, i.e., na acepção de Williams (1981), um dos elementos do composto (no caso do inglês, o elemento que ocorre à direita) é o responsável pela especificação categorial do mesmo. Um *balão estratosférico*, por exemplo, é um composto nominal endocêntrico, cujo núcleo é *balão*, posto que se refere a ‘um tipo de balão’, e é diferenciado dos outros por meio de uma característica particular, e, segundo o *Dicionário Houaiss*, é um “balão enorme de plástico de nível constante, para voos de longa duração em altitudes muito grandes, usado para determinar campos de ventos e medir parâmetros da alta atmosfera”.

Se, pelo contrário, não é possível encontrar no composto um núcleo trata-se de um composto exocêntrico, como vimos anteriormente.

Val Álvaro (2000: 4778), ao tratar da composição nominal em espanhol, mais concretamente dos compostos formados de N + N, refere-se aos compostos endocêntricos como sendo bastante frequentes e aponta que a relação entre os constituintes pode ser de coordenação ou subordinação. No primeiro caso não há um constituinte não-nuclear definido. No segundo, os compostos N + N “imperfeitos” apresentam uma estrutura apositiva, em que o constituinte da direita se encontra conceitualmente subordinado ao da esquerda, modificando-o.

¹⁵ Fabb (1998:67) acrescenta que “(...) whether you think *greenhouse* is an endocentric or exocentric compound depends on whether you think it is a kind of house”.

Em jeito de balanço, de acordo com o *corpus* que constituí, entre os compostos endocêntricos, temos, então, as seguintes estruturas: N + N; N + Adj; N + Prep + N; N + Prep + NP; N + Prep + N_{pl}; N + Prep_{pl} + N_{pl}; N_{pl} + N; N_{pl} + Adj_{pl}; N + Prep + VInf; N + VPart; N + Prep + Adv; N + Prep + Adv; NN + Adj; Num + N; Adj + N.

Com referência aos compostos endocêntricos com a configuração N + N, foram identificadas, no *corpus* em consideração, apenas 17 ocorrências, o que poderia indicar baixa frequência. Said Ali (2001⁸:194) refere, no primeiro capítulo, que os compostos formados por N + N não são produtivos. Pelo contrário, os compostos com a estrutura N + Adj estão significativamente representados, assim como os compostos com a configuração N + Prep + N, sendo que o primeiro possui 115 itens, e o segundo 72 itens.

Além dos compostos endocêntricos acima referidos, foram encontrados neste *corpus*: 5 compostos com a estrutura N + Prep + NP, 8 compostos com a estrutura N + Prep + N_{pl} e uma única ocorrência com a configuração N + Prep_{pl} + N_{pl}. Foram identificados também 7 casos de compostos nominais formados por N_{pl} + N, e 5 formados de N_{pl} + Adj_{pl}.

Os compostos nominais formados por N + Prep + VInf, N + Vpart e N + Prep + Adv têm uma única ocorrência cada.

Para além dos já indicados, foram identificados 5 compostos nominais (de (N + N)) + Adj, 1 formado por Num + N e 2 compostos com a estrutura Adj + N.

Por seu turno, os compostos exocêntricos apresentam uma significação totalmente metafórica, isto é, há uma semelhança em algum elemento do composto que facilita a ligação entre a enunciação linguística complexa à nomeação do referente. Assim, *mão feliz*, por exemplo, faz alusão àquele que ganha sempre, especialmente no jogo, e não literalmente à mão do corpo humano. Veja-se, por exemplo, Ribeiro (2006:117), autora que considera que a construção dos compostos exocêntricos “baseia-se (...) em processos metafóricos e metonímicos, que permitem que termos à partida distantes se associem, desta combinação resultando um significado que se afasta daquele que é comumente associado às mesmas unidades lexicais quando usadas noutros contextos”.

Foram encontrados no *corpus* deste trabalho, 17 compostos nominais exocêntricos formados por N + Adj, 3 formados de N + N, 26 com a estrutura N + Prep + N, uma

única ocorrência com os compostos formados por N + Prep_{pl} + N_{pl}, de N + Prep + Num, de N_{pl} + Adj_{pl}, tal como 1 composto nominal (de N + Adj) + Adj.

Quanto aos compostos e expressões lexicalizadas, devo referir que não são o meu objetivo principal de análise, na medida em que só por si justificariam um trabalho completo.

De entre os compostos endocêntricos, começo por referir que no que diz respeito à entrada ‘balão’, não se me afigura correto a apresentação das unidades *balão-piloto* e *balão-sonda* como subentradas, uma vez que ambos são tipos de *balão*, assim como *pão-bengala*, *pão-canoa* e *pão-petrópolis*, listados também como subentradas, mesmo sendo tipos de *pães*.

O que se poderia afirmar, mesmo que timidamente, é que na apreciação do lexicógrafo, unidades como por exemplo, *homem-chave* e *balão-sonda* são menos frequentemente usadas, tendo, por isso, um estatuto mais vulnerável em termos de composição, razão porque são remetidas para subentradas.

Um segundo subgrupo é, como listado anteriormente, o dos compostos nominais formados por N + Adj, sendo o núcleo, mais uma vez, o elemento da esquerda.

Dentre os trinta e dois compostos nominais endocêntricos deste subgrupo, daqueles em que ocorre *carta*, 29 pertencem a vocabulários especializados, pelo menos a crer pelas indicações do *Dicionário Houaiss* e o mesmo acontece com aqueles que fazem parte da entrada *idade*. Nesta, temos seis compostos e apenas um não é empregado em linguagem de especialidade. O mesmo se passa com os compostos da entrada *economia*, que são, maioritariamente, pertencentes aos vocabulários especializados. Entre eles, o lexicógrafo opta por dar entrada em *economia fechada* e em *economia informal*, mas não dá entrada em *economia aberta* e nem em *economia formal*, o que me parece indicar falta de uniformização.

Além dos compostos formados com as unidades *carta*, *idade* e *economia*, aqueles formados a partir dos nomes *tempo* e *setor* são também, predominantemente pertencentes a linguagem de especialidade.

O *Dicionário Houaiss*, escolhido para a constituição do *corpus* deste trabalho, possui uma única entrada que começa com a letra k em que se apresenta um composto, sendo

que a maioria são palavras pertencentes às línguas africanas, como de Cabo Verde, Angola, Moçambique, etc.

Como pude verificar, os sinônimos presentes no *corpus*, indicados como tal pelo lexicógrafo, são tratados distintamente, como, por exemplo, *pão amanhecido*, que é o mesmo que *pão dormido*, *tempo médio*, o mesmo que *tempo astronômico*, *setor informal*, o mesmo que *economia informal*, o que não me parece fazer qualquer sentido.

Por fim, uma pequena nota para referir que em *carta revocatória*, o elemento ‘revogatória’ é uma variante do segundo termo do composto, ‘revocatória’.

Um outro grupo bastante numeroso é constituído pelos compostos nominais formados de N + Prep + N, endocêntricos e com a ocorrência do núcleo no elemento à esquerda.

Após a análise efetuada das várias unidades do subgrupo N + Prep + N, acabei por verificar, como já foi anteriormente apontado, que os sinônimos deste subgrupo também são tratados distintamente no *Dicionário Houaiss*, como, por exemplo, *tempo de entrada*, considerado equivalente de *tempo de acesso*.

Observa-se também que o composto *homem da rua*, sinônimo de *homem do povo* (entrada), empregado em linguagem corrente e *homem da rua* (subentrada), palavra composta indicada como pertencente à área da religião, não são variantes, apesar de, estruturalmente, terem a mesma configuração. Aparentemente, poder-se-á considerar que a subentrada é um composto menos frequentemente usado, daí a opção do lexicógrafo em listá-lo como tal.

Além das ocorrências acima, verifica-se que os compostos *dama da noite* (entrada) e *dama-da-noite* (subentrada) também não são variantes, mas têm a mesma configuração estrutural. O que se observa neste caso é que a subentrada é o nome de uma planta (angiosperma) e a entrada é o mesmo que ‘meretriz’, por sua vez, remetida para a linguagem corrente.

Nos compostos nominais endocêntricos em que ocorre uma preposição, temos igualmente um grupo em que, a seguir ao elemento preposicional, ocorre um nome próprio, como por exemplo em *tempo de Hubble*.

Com 8 unidades compostas, temos um grupo em que o nome que ocorre à direita da preposição está no plural, mas em que temos casos distintos. Assim, no composto *carta*

de *vinhos*, o nome ‘vinho’ não é pluralizável e ocorrendo no plural refere-se a ‘tipos de vinhos’. Além de *vinhos*, o nome ‘ventos’, em *carta de ventos*, também não é contável.

Já, ‘corrente’, em *carta de correntes*, ‘palito’, em *economia de palitos*, ‘letra’, em *homem de letras*, ‘negócio’, em *homem de negócios*, ‘língua’, em *laboratório de línguas*, e ‘enunciado’, em *universo de enunciados* são, como sabemos, por natureza contáveis.

No *corpus* há uma única ocorrência de um composto nominal em que entre os dois nomes temos a contração de preposição + determinante. Uma vez que o segundo nome se encontra no plural, o determinante que o antecede concorda com ele em número, como se pode verificar em *tempo das efemérides*.

No caso do subgrupo de compostos nominais endocêntricos, formados por $N_{pl} + N$, a flexão do primeiro elemento decorre do próprio conceito e, portanto, não é empregue no singular (cf., por exemplo, *raios gama*).

Ainda no caso de compostos em que o primeiro elemento é *raios*, havendo concordância entre nomes e adjetivos, temos outro subgrupo onde se integra, por exemplo, *raios cósmicos*, e, ainda, compostos do tipo de *tempos apagados*.

Com um único exemplo, ocorre um composto nominal formado por $N + Prep + V_{Inf}$, com o núcleo a ocorrer no elemento à esquerda, caso do composto *carta de marear* (m.q. *carta náutica*).

Também como exemplo único temos o composto *homem-feito*, formado por $N + V_{Part}$.

Finalmente, dentro do primeiro grupo de compostos nominais com um nome à esquerda, temos um exemplo formado por $N + Prep + Adv$, endocêntrico e com o núcleo a ocorrer no elemento à esquerda, isto é, *homem de bem*.

Um subgrupo distinto é formado por um composto nominal (de $N + N$) + Adj, como em *tempo solar médio* (m.q. *tempo astronômico*), situação bem peculiar, não só em português, mas também noutras línguas, dada a escassez de exemplos em que de um composto se origina um outro composto.

No caso de *terceira idade* temos um composto nominal que é formado por $Num + N$, e que, aparentemente, poderá ser parafraseado como ‘um tipo específico de idade’, aquela que corresponde, digamos assim, ao terceiro escalão da vida humana.

Outros dois casos em que o elemento da direita também poderia ser identificado como o núcleo são os compostos nominais *nova economia* e *velha economia*, formados por Adj + N.

Nos compostos exocêntricos (formados por N + Adj, N + N, N + Prep + N, N + Prep_{pl} + N_{pl}, N + Prep + Num, N_{pl} + Adj_{pl} e composto nominal (de N + Adj) + Adj) claramente nenhum dos elementos do composto funciona como elemento principal que subordine outro(s), tido(s) como mais acessório(s). Por exemplo, *mão única* não é nem um "tipo de mão", nem um "tipo de única".

No grupo dos compostos lexicalizados, incluí os compostos em que considereí que, do ponto de vista semântico, as fronteiras entre os elementos, por um lado, se esbateram e, por outro, houve fixidez, cristalização dos significados, ou seja, deixou de haver composicionalidade.

Desse modo, temos os compostos lexicalizados formados por N + N; N + Adj; N + Prep + N; N_{pl} + Prep + N; N + Prep + NP; N + Prep_{pl} + NP_{pl}; N_{pl} + Adj_{pl}; N Conj + N; N + V; Adj + N e N + Prep + Composto Nominal (de N + NP). Para se avaliar a fixidez e a opacidade semântica deste tipo de compostos, veja-se por exemplo, *mão-aberta*, em que *mão* não é a ‘extremidade do membro superior’ e *aberta* não é o adjetivo contrário de ‘fechado’, mas sim ‘um indivíduo generoso no que diz respeito a gastos’.

Além dos compostos lexicalizados, criei um outro subgrupo, que designei por expressões lexicalizadas e a razão por que optei pelo termo ‘expressão’, em vez do de locução, prende-se com o fato de este último, tal como definido em algumas gramáticas tradicionais, por si só, não recobrir todas as unidades complexas aqui consideradas. Segundo Câmara Jr. (1977:61), locução é a união de dois vocábulos mórficos numa unidade formal, havendo, ainda, duas alternativas básicas: a concatenação entre uma forma autônoma e uma forma não autônoma, como por exemplo, *fala-se* ou a concatenação entre duas formas autónomas, em que se estabeleceria um vínculo de subordinação por meio de uma forma não autônoma, como em *chapéu de sol*. A proposição que Câmara Jr. apresenta não serve para dar conta, por exemplo, de expressões lexicalizadas do tipo *perder tempo*, na medida em que esta é formada por dois elementos autónomos sem qualquer vínculo de subordinação.

Dentro das expressões lexicalizadas, no primeiro subgrupo há três exemplos em que temos dois nomes que são ligados por um elemento preposicional (por exemplo, *mão*

por mão), havendo ainda outros conjuntos de exemplos, tal como indicado antes, nomeadamente oito combinatórias em que à esquerda ocorre um verbo no infinitivo, designadamente: VInf + N; VInf + Det + N; VInf + Det_{pl} + N_{pl}; VInf + Prep + N; VInf + N + Prep ; VInf + Prep + N_{pl} e VInf + N + Adj.

Com relação às formações em que um dos constituintes é um verbo, Caetano (2010:11) assinala que “em português, dentro dos compostos, os compostos nominais são os mais frequentes” e acrescenta que “o grupo dos formados por V + N é um dos mais estudados, na medida em que são vários os aspectos por eles levantados, nomeadamente a natureza das relações entre morfologia, sintaxe e semântica”. A autora cita exemplos como *guarda-costas* (V + N), *guarda da fábrica* (V + Prep + N), entre outros.

Além da posição apresentada acima por Caetano, Nunes (1989⁹: 391 apud Caetano 2010:11) aponta que “a formação de compostos constituídos por um verbo e um substantivo, é de todas a mais rica, pois, tendo principiado com a língua nada perdeu ainda da sua fecundidade”.

Como se pode observar no segundo capítulo, não há, no *corpus* deste trabalho, exemplos de compostos nominais formados de V + N, em que o verbo se apresenta no “imperativo na segunda pessoa”¹⁶ (cf. Nunes 1989⁹:392 apud Caetano 2010:11), havendo apenas ocorrências de verbos no infinitivo, nas expressões lexicalizadas¹⁷.

Dada a diversidade de ocorrências que encontramos nas expressões lexicalizadas e sem querer ser demasiado repetitiva, limito-me a indicar que, nos restantes subgrupos:

a) em dois exemplos, ocorrem expressões lexicalizadas em que a forma verbal à esquerda se encontra no particípio, seguida de preposição e de um nome (cf. *limpo de mão* e *corrido à vara*).

b) pode também dar-se o caso de as expressões lexicalizadas serem formadas de Prep + N, como, por exemplo, em *à mão*).

¹⁶ Ou verbos no “presente do indicativo” conforme defende Di Sciullo & Williams 1987, ou “um tema verbal”, segundo Scalise (1992) e Bauer (1980), ou ainda um “nome deverbal”, como por exemplo, *guarda florestal*, de acordo com Caetano (2010).

¹⁷ Que perfazem um total de 57 itens.

- c) três expressões lexicalizadas são formadas de Prep + N + Adj, com a particularidade de o adjetivo ser oriundo de uma forma participial (por exemplo, *de mão beijada*).
- d) em seis expressões lexicalizadas temos uma preposição como primeiro elemento, e o adjetivo que concorda com o nome em número (por exemplo, *de mãos limpas*).
- e) com uma única ocorrência, temos uma expressão lexicalizada formada de Prep + N + Prep (*à fé de*).
- f) no *corpus* encontram-se quatro expressões lexicalizadas em que após o elemento preposicional, ocorre um numeral seguido de um nome, como por exemplo *em primeira mão*).
- g) temos uma expressão lexicalizada em que a seguir ao elemento preposicional ocorre um numeral seguido de um nome no plural (cf. *em dois tempos*).
- h) em três expressões lexicalizadas o nome que ocorre à direita é antecedido por uma preposição e um advérbio (por exemplo, *fora de mão*).
- i) com apenas uma unidade *às mãos ambas*, uma estrutura formada por Prep + N_{pl} + PronIndef_{pl}.
- j) no *corpus*, há uma única ocorrência de uma expressão lexicalizada em que se verifica um verbo no gerúndio (cf. *de mãos abanando*, de Prep + N_{pl} + VGer).
- k) uma expressão lexicalizada é formada por Prep + Adj_{pl} + N_{pl} (exemplo: *em boas mãos*).
- l) um outro subgrupo em que o primeiro elemento é uma preposição é constituído pelas expressões lexicalizadas formadas por Prep + N + N, como por exemplo *em tempo recorde*.
- m) com apenas uma expressão lexicalizada temos *a quatro mãos* (Det + Num + N_{pl}).
- n) igualmente com uma única ocorrência, temos o exemplo *a (às) mão-cheia*, em que o elemento à esquerda é um determinante.
- o) num dos exemplos a expressão origina-se de N + Prep + N (cf. *mão por mão*).
- p) por fim, temos uma única expressão lexicalizada formada por Adj + Conj + N (cf. *bom como pão*).

Dentro de toda a profusão de compostos nominais (e de expressões), como se pode verificar:

- o número de ocorrências de compostos endocêntricos formados por N + N é bastante mais elevado do que o dos compostos exocêntricos, pois enquanto as unidades compósitas endocêntricas são 17, as exocêntricas são 3;
- nos compostos endocêntricos formados de N + N encontrados neste *corpus*, como por exemplo, *homem-sanduíche* e *homem-rã*, estabelece-se uma relação de modificação entre os dois constituintes do composto, uma vez que o segundo constituinte exerce a função de adjetivo, modificando o primeiro;
- os compostos formados de A + N estão escassamente representados, com apenas duas unidades;
- os compostos pertencentes às áreas da angiosperma, da agricultura, da etnologia, da religião, da mastozoologia e da entomologia presentes no *corpus* deste trabalho são, todos eles, subentradas;
- alguns compostos exocêntricos, como *jardim infantil*, *jardim-escola* e *jardim-de-infância*, são empréstimos, nestes caso do alemão, embora não sejam tidos como tal pelos falantes. Ou seja, trata-se de unidades em que houve uma tradução literal, mas, por na língua alvo existirem os itens correspondentes, são considerados como formações do português;
- os elementos verbais que constituem as expressões lexicalizadas são os verbos ‘fechar’, ‘abrir’, ‘deixar’, ‘perder’, ‘vir’, ‘fazer’, ‘ganhar’, ‘aguentar’, etc, além dos verbos-suporte ‘ter’, ‘dar’ e ‘fazer’. Verifica-se que a maioria dos verbos constituintes das expressões lexicalizadas atua geralmente como verbos plenos, ou seja, verbos que funcionam como núcleo do predicado e regem complementos diretos. Enquanto os verbos-suporte¹⁸, por outro lado, são aqueles que sofrem um esvaziamento lexical, e o núcleo do predicado está na expressão nominal à direita do verbo; mas, uma vez que o estudo e a verificação detalhada de verbos plenos e verbos-suporte não são objetos deste nosso estudo, deixo esse tema para um possível projeto futuro;

¹⁸ Vale lembrar que se entende que os verbos-suporte têm algum valor semântico, embora reduzido. São exemplos de expressões construídas com esse verbo: dar um chute, fazer um aceno, etc.

- o segundo capítulo refere que foram apreciadas um total de vinte e quatro entradas, uma de cada letra do alfabeto da língua portuguesa; desse conjunto, vinte entradas apresentam ocorrências de compostos endocêntricos, e apenas quatro não indicam tais compostos, que são: *mão*, *quadra*, *vara* e *xangô*. Ancorar-me-ei nos ditos de Caetano (2010:19) que argumenta que “todos os compostos são originariamente endocêntricos, sendo o seu significado transparente”, ou seja, pode-se, mesmo que timidamente, apontar que os compostos formados com os elementos *mão*, *quadra*, *vara* e *xangô*, mencionados acima, podem ter sido, um dia, endocêntricos;
- os compostos endocêntricos e os exocêntricos constituem, predominantemente, designações pertencentes aos vários vocabulários de especialidade, dado que, do total de 295 itens, apenas 81 não pertencem à linguagem de especialidade.

Considerações Finais

No campo da morfologia, especificamente no que se refere à formação de palavras, pode-se dizer que há um número considerável de trabalhos que estudam a prefixação e a sufixação. No entanto, ainda são poucos os estudos que incidem particularmente sobre a composição. Isso acontece pelo fato de que a formação de palavras compostas é um fenômeno aparentemente pouco homogêneo, quer em termos de perspectiva sincrônica e/ou diacrônica, quer nos modelos considerados para essas análises (gerativistas e outros), não havendo também, ainda, uma delimitação clara da própria área da composição. Perante esta evidência, e motivada pelo fato de trabalhar com o levantamento e investigação de um corpus extraído de um dicionário, realizei esta dissertação, que, neste momento, se conclui.

Neste trabalho pretendeu-se apresentar uma contribuição para o estudo dos Compostos Nominais do português, descrevendo-os e caracterizando-os, para, assim, enquadrá-los na formação de palavras, em geral. Deste modo, procedeu-se à análise de uma amostra de nomes compostos, um total de 471 sequências extraídas do *Dicionário Houaiss* 2007.

No primeiro capítulo fez-se uma revisão das perspectivas teóricas adotadas no estudo do conceito de composto nominal em português e, conseqüentemente, do processo que o origina, pautadas tanto em trabalhos mais antigos como em trabalhos mais recentes.

No segundo capítulo, dedicado à metodologia e à constituição do *corpus* apresentou-se, num primeiro momento, a justificativa da opção pelo *Dicionário Houaiss*. Posteriormente, os 471 itens foram divididos em quatro grupos: os compostos endocêntricos (2.2.1), os compostos exocêntricos (2.2.2), os compostos lexicalizados (2.2.3) e, por último, as expressões lexicalizadas (2.2.4).

Por fim, no terceiro capítulo, procedeu-se à descrição, e à análise morfológica, sintática e semântica dos compostos e expressões registrados no *corpus* e listados no segundo capítulo. Para a análise e discussão empreendida nesse capítulo, comungo do entendimento multidimensional e dinâmico da morfologia, nomeadamente da composição e dos tipos de compostos que apresentam Caetano (2003, 2010, 2013) e Val Álvaro (1999).

O que foi analisado até aqui me permite tirar algumas conclusões acerca do composto:

- a) resulta de um processo que combina palavras ou radicais para formar um item morfológicamente complexo;
- b) apresenta sempre uma unidade de significação na qual um dos elementos não pode ser suprimido e, na maioria dos casos, não é possível trocar a posição de seus constituintes, sem que com isso o significado se altere;
- c) pode ser endocêntrico, exocêntrico e lexicalizado. Entretanto, essa distinção nem sempre é simples, alguns são manifestamente endocêntricos, ao passo que outros requerem, geralmente, uma investigação mais acurada;
- d) nomeia essencialmente objetos, instrumentos, alimentos, plantas e vegetais. Não são apropriados para classificar ideias ou sentimentos.

Relativamente ao composto endocêntrico e ao composto exocêntrico, conclui-se que:

- a) os endocêntricos são, maioritariamente, empregados em linguagem de especialidade;
- b) no caso dos compostos endocêntricos, o núcleo ocorre predominantemente, à esquerda;
- c) consoante o *corpus* desta pesquisa, os endocêntricos formados por N + Adj ocorrem com maior frequência;
- d) no *corpus* seleccionado não ocorrem unidades compósitas constituídas por V + N, contrariando o que alguns autores dizem a respeito da frequência destes compostos, entre eles Nunes (1989⁹) e Caetano (2010);
- e) os exocêntricos são as unidades compósitas que não apresentam núcleo e, além disso, expressam uma significação inteiramente metafórica.

Concluída a presente dissertação, e ciente das possíveis lacunas que deixei, resta assinalar que este trabalho pretende sobretudo, incentivar a realização de trabalhos futuros sobre esta área de investigação.

Referências Bibliográficas

- ALI, Manuel Said. 2001⁸. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 8ª edição. São Paulo: Melhoramentos (1ª edição 1931)
- ALLEN, Margaret Reece. 1978. *Morphological Investigations*. PhD Dissertation. University of Connecticut
- ALVES, Ieda Maria. 1986. “Aspectos da composição Nominal em português”. In *ALFA- Revista Linguística*, 20(1): 7-15, 1987
- ALVES, Ieda Maria. 1996. *Definição Terminológica: da Teoria à Prática*. In *Tradterm*, 3, pp. 125-136
- BASÍLIO, Margarida. 2000. *Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições*. Veredas, v. 4, n. 2. UFRJ
- BASÍLIO, Margarida. 1987. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ed. Ática
- BAUER, Laurie. 1988. *Introducing Linguistic Morphology*. Edinburg: Edinburgh University Press
- BAUER, Laurie. 1998. “Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive”? *Linguistics* 36 – 3, 403 – 422
- BECHARA, Evanildo. 2009³⁷. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna (1ª edição 2001)
- CABRÉ, Teresa. 1999. *La terminologia: representación y comunicación: elementos para una teoria de base comunicativa e otros artículos*. Barcelona: IULA
- CAETANO, Maria do Céu. 2003. *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais*. Dissertação de Doutorado apresentada à Universidade Nova de Lisboa
- CAETANO, Maria do Céu. 2000. “Quais e como são os compostos em Gramáticas Históricas do Português”. In *Actas do Congresso internacional 500 anos da Língua Portuguesa do Brasil*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

- CAETANO, Maria do Céu. 2010. “Construções com guarda. Contribuições para o estudo da Composição nominal em português”. In *Cadernos WGT*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, pp. 11-24
- CAETANO, Maria do Céu. 2010. “A meio caminho entre a derivação e a composição”. *Estudos Linguísticos / Linguistic Studies* 5: 131-140
- CAETANO, Maria do Céu Caetano. 2013. “A composição nominal em gramáticas Históricas do português”. In *De la unidad del lenguaje a la diversidad de las lenguas*, ed. Val Álvaro, José Francisco et al, 99-105. ISBN: 978-84-92522. Zaragoza: Universidad de Zaragoza – Servicio de Publicaciones
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1975. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1956. *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro: Aquarone
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1977⁷. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 7ª edição. Petrópolis: Vozes (1ª edição 1956)
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís Filipe. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. [CD-ROM], Instituto Antônio Houaiss, 2007, ISBN: 85-7302-396-1
- FABB, Nigel. 1998. “Compounding”. In SPENCER, Andrew & Arnold M. ZWICKY (eds) *The Handbook of Morphology*. Oxford: Backwell Publishers pp. 66-83
- HARTMANN, Reinhard Rudolf Karl. 1987. “Four perspectives on dictionary use: a critical review of research methods”. In Cowie, A. (Ed.) 1987. *The dictionary and the language learner*. Papers from the Euralex Seminar at the University of Leeds. Tübingen: Niemeyer, pp. 11-28
- LIEBER, Rochelle. 2005. “English Word-Formation Processes. Observations, Issues, and Thoughts on Future Research”. In Stekauer, Pavol & Rochelle Lieber (eds) *Handbook of Word-Formation*. Dordrecht: Springer pp. 375 – 427

- LIEBER, Rochelle. 2004. *Morphology and Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University, p. 196
- MATEUS, Maria Helena et alii. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho. 5ª edição revista
- NUNES, José Joaquim. 1989⁹. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 9ª edição. Lisboa: Livraria Clássica Editora (1ª edição: 1919)
- PEREIRA, Eduardo Carlos. 1935⁹. *Gramática Histórica Portuguesa*. 9ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional (1ª edição 1916)
- RIBEIRO, Sílvia. 2006. *Compostos nominais em português: As estruturas VN, NN, NprepN e NA*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (publicada em 2010, na Alemanha, pela München: Lincom Europa)
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. 2003². *Estruturas Morfológicas do Português*. 2ª edição. Belo Horizonte: editora UFMG. (1ª edição 1998)
- VAL Álvaro, José Francisco. 1999. “La Composición”. In Bosque, Ignacio & Violeta Demonte (eds). *Gramática Descriptiva de la lengua Española*, vol.III (Entre la Oración y el discurso / Morfología). Madrid: Real Academia Española / Fundación José Ortega y Gasset / Editorial Espasa, pp. 4757 – 4841
- VARELA, Soledad. 1990. “Composición nominal y estructura temática”. *Revista Española de Lingüística* 1, pp 55-81
- VARELA, Soledad. 1992. *Fundamentos de Morfología*. Madrid: Síntesis
- VILLALVA, Alina. 1994. *Estruturas Morfológicas. Unidades e hierarquia nas Palavras do português*. Dissertação de Doutorado apresentada à Universidade de Lisboa. (publicada em 2000, em Lisboa, pela Fundação Calouste Gulbenkian / FCT)
- WELKER, Herbert Andreas. 2004. *Dicionários: uma Pequena Introdução à Lexicografia*. Brasília: Thesaurus